CHUMBO GROSSO

PAUL DRAKE

não morreu!

SÉRIE: CHUMBO GROSSO

VOLUME: 63

TÍTULO: NÃO MORREU

AUTOR: PAUL DRAKE

CAPA: R. F. SALMERON

EDITORA: MONTERREY

ANO DA PUBLICAÇÃO: 1987

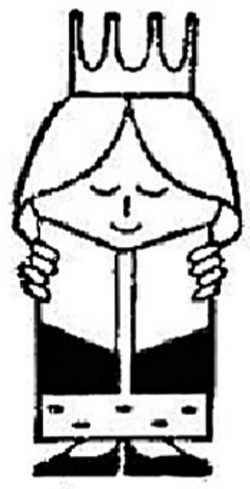
CHUMBO
GROSSO

NÃO MORREU

PAUL DRAKE

Capa de R. F. SALMERON

PROIBIDA A REPRODUÇÃO NO TODO OU EM PARTE



EDITORA MONTERREY LIMITADA
Rua Visconde de Figueiredo, 81
Caixa Postal n 24119 – ZC-09
20550 – Tijuca – Rio de Janeiro
Fones: 248-7067 e 234-8398

© EDITORA MONTERREY LIMITADA

MCMLXXXVII Publicação no Brasil
Composto e impresso por:
GRAFICA EDITORA LORD
Distribuído por:
FERNADO CHINGLIA
DISTRIBUIDORA S.A.

Todos os personagens desta novela são imaginados pelo autor e não tem relação com nomes ou personalidades da vida real. Qualquer semelhança terá sido mera coincidência.

CAPITULO PRIMEIRO

Todos os capangas do chefe

O cavaleiro entrou a galope na rua principal de Green River e pouco depois parava diante do prédio pertencente ao magnata Gordon Storm.

Desmontou e, após amarrar o cavalo à barra ali existente, entrou no prédio como um furacão.

Os dois homens que vigiavam a porta ficaram tão surpresos com a rapidez do forasteiro que nem tiveram o expediente de barrar-lhe a passagem.

No entanto, quando o recém-chegado entrava no amplo vestíbulo do edifício, um dos vigilantes alcançou-o e lhe perguntou:

— Que pressa é essa, rapaz?

O outro vigilante já se aproximava, enquanto mais um homem aparecia em uma das portas que davam para o vestíbulo.

— Quero ver Gordon Storm — retrucou o forasteiro. — Sei que ele está aqui.

— Calma, amigo, calma... — falou um dos vigilantes. — Quem é você?

— Matt Forest, mas isso não vem ao caso, porque Storm não me conhece.

— Que intimidade é essa com o patrão? — exclamou o outro vigilante. — Veja lá como fala!

— Ora, não me amole! Não estou para ficar perdendo tempo com vocês...

— Está querendo um emprego?

— Não. E agora chega de perguntas. O que estou querendo é falar com Storm.

Após dizer isso, Matt Forest retrocedeu lentamente, observando os dois homens, que se aproximavam cada vez mais.

— Esse sujeito já abusou muito... — murmurou um dos vigilantes.

— Já lhe disseram para não tratar o patrão com essa intimidade, não é mesmo, mocinho? — indagou o outro.

— Ora, não me irritem! — gritou Matt, já começando a ficar invocado.

— Bem, foi você quem quis — replicou um dos homens de Storm.

E, em seguida, tentou golpear o rapaz, mas este esquivou-se e, sem perder tempo, deu um soco no sujeito, derrubando-o.

Então, o outro vigilante quis atacar o forasteiro, mas também se deu mal, porque o rapaz, com um chute, jogou-o contra uma parede do vestíbulo.

Sem perder tempo, Matt virou-se e viu que o outro homem que estava às suas costas, já ia atacá-lo, refeito do golpe que recebera. Esquivou-se dele e, com uma cutelada no pescoço, arriou-o no chão novamente.

Mas, apesar dos golpes recebidos, os adversários de Matt não pareciam dispostos a ceder. E já iam atacá-lo mais tuna vez, quando por uma das portas que davam para o vestíbulo apareceu um homem de uns cinquenta anos, alto e forte, que inquiriu:

— O que está acontecendo?

Seus três comandados detiveram-se bruscamente.

— Você é Storm, não? — indagou a forasteiro, olhando fixamente para o homem que acabava de aparecer.

Um dos atacantes de Matt aproximou-se deste, dizendo com raiva:

— Senhor Storm!

E em seguida, deu um soco no rapaz, que cambaleou, mas conseguiu se manter de pé.

Furioso, Matt revidou ao ataque e, com um potente murro no queixo do seu adversário, jogou-o contra a parede.

Vendo que com os punhos não conseguiria vencer o forasteiro, o sujeito quis sacar o revólver.

— Vou m...

Parou de falar porque, adiantando-se a ele, o rapaz puxou de sua arma e o advertiu:

— Quieto ou morre!

E logo depois, Matt Forest retrocedeu até a parede, para poder dominar a todos com o revólver. Dali, disse ao dono da casa:

— Você devia ensinar esses idiotas a tratar melhor os outros, Storm.

— Bem... vamos acabar com isso... Quem é você, afinal? E qual a razão de tudo isso?

— Eu só queria falar com você — retrucou o rapaz. — Em particular.

— Para quê? Eu nem o conheço.

— Sou Matt Forest. E vim aqui porque me disseram que você sabe onde está Lash Lynn.

— O quê... L — exclamou Gordon Storm. franzindo a testa.

— Sabe de quem estou falando, não?

— Sim, sim... Claro que sei...

— Então...

— Vamos até meu escritório — disse Storm, olhando com ar de censura para seus homens.

* * *

— Por que está procurando Lash Lynn?

Storm dispunha-se a sentar-se numa poltrona, ficando de frente para a porta, que o forasteiro olhava com receio.

— Mas, vamos, sente-se... — acrescentou o ricaço.

— Nunca me sento de costas para uma porta. É perigoso... — respondeu Matt.

— Você é muito desconfiado, rapaz.

— Depois da acolhida que recebi...

Storm sorriu.

— Está bem. Podemos conversar em pé. Assim você não precisará ficar de costas para a porta. Mas agora vamos ao que interessa. Você ainda não me respondeu por que está procurando Lynn.

— Ele matou meu irmão em Dallas, há uns meses atrás. Por duas vezes, eu quase o peguei, mas ele conseguiu fugir.

— Ele também fugiu daqui, porém mal sabe que seus dias estão contados... — replicou Storm, sorrindo mordazmente. E, após um instante, ajuntou: — Quem lhe disse que eu conhecia o paradeiro de Lash Lynn?

— Isso não interessa... Disseram-me que o tinham visto fugir daqui.

— Quem?

— Bem... foi o velho Parker, da antiga estação de diligências..., mas afinal de contas, o que Lynn lhe fez?

— Isso lhe interessa muito? — indagou Storm.

— Bem, se não quiser me dizer, não faz mal. O que eu quero saber mesmo é onde está Lynn, para poder matá-lo.

Olhando fixamente para o forasteiro, Gordon Storm comentou:

— Você chegou tarde, rapaz. Já encarreguei um homem de fazer isso...

Matt pareceu enfurecer-se.

— Essa não, Storm! — exclamou. — Quem vai matar Lynn sou eu! Jurei a mim mesmo fazer isso!

— É pena..., mas fique descansado, porque dentro de dois ou três dias, no máximo, aquele pilantra estará morto. E agora, você já pode ir...

Storm sentou-se em sua poltrona, como que dando por terminada a conversa.

Mas, seu visitante não se conformou com aquilo e avançou por um lado da mesa, dizendo:

— Não vou deixá-lo fazer isso comigo. Sou eu quem...

Impacientando-se, o magnata interrompeu-o, dizendo:

— Olhe aqui, rapaz, eu já o aturei bastante/ Dê o fora, sim?

— Ei, velhote, é bom não gritar comigo. Se pensa que vai me amedrontar como amedronta a todos deste povoado, está muito enganado. Comigo a coisa é diferente... Para mim, você é um homem como outro qualquer.

— Mas... o que está pensando? Harry!

Storm gritou para que um dos que estavam lá fora pudesse ouvi-lo, mas Matt Forest, virando-se para a porta, advertiu:

— Cuidado, Storm... Se alguém entrar aqui...

Mal o rapaz terminou de dizer isso, um dos homens que haviam lutado com ele, abriu a porta, perguntando:

— O que houve, patrão?

— Este sujeito está me perturbando, Harry. — disse o chefão. — Cuide dele.

O guardião sacou a arma, porém Matt foi mais rápido e, com dois tiros, desarmou o sujeito e furou-lhe o chapéu.

Os outros vigilantes acudiram, enquanto Storm e seu capanga, que não sofrera o menor ferimento sequer, mostravam-se abobalhados com o que acabavam de ver.

— Diga a seus homens que estamos apenas conversando como amigos... — sussurrou Matt ao magnata. — Porque se eles se meterem comigo, vão morrer.

Os outros dois que haviam lutado com o rapaz e mais alguns que tinham corrido até ali atraídos pelos tiros, hesitaram, não sabendo o que fazer.

Embora não estivesse acostumado a receber ordens, Storm achou que seria melhor fazer o que o rapaz lhe dissera. Por isso, forçou um sorriso e disse num tom amável:

— Gostei de seu modo de atirar, Matt... Nunca vi um sujeito tão bom no Colt como você.

— Obrigado, Storm.

Este sorriu, falando em seguida:

— Bem, mas agora vamos...

— Para onde?

— Para minha casa. Lá poderemos conversar melhor.

— Está bem — retrucou Matt, sem deixar de vigiar os capangas do ricaço.

— Bem, rapazes... — falou Storm nesse momento — preparem meu cabriolé. Eu e este amigo vamos até minha casa...

Um dos vigilantes apressou-se a cumprir a ordem, enquanto reinava um profundo silêncio no escritório.

Pouco depois, o magnata e Matt saíam dali e atravessavam o amplo vestíbulo, passando diante de uma fileira de homens.

O rapaz notou que todos eram lacaios do chefão e que certamente o atacariam sem vacilar, se recebessem alguma ordem nesse sentido.

Contudo, Storm-não deu tal ordem e eles chegaram onde estava o cabriolé.

Após amarrar seu cavalo atrás do veículo, o forasteiro ouviu Storm dizer:

— Você primeiro, Matt...

Depois de olhar rapidamente a seu redor, o rapaz subiu no cabriolé e o magnata sentou-se a seu lado.

Na rua estavam alguns curiosos, que haviam corrido até ali ao ouvirem os tiros.

Dentre eles encontrava-se um rapaz, que sussurrou à jovem que o acompanhava:

— Não sei não, mas acho que esse sujeito quer enfrentar Storm...

— Storm é muito poderoso... Esse aí acabará tendo o mesmo fim que Lash Lynn.

E, ao dizer isso, a jovem pareceu entristecer-se.

CAPITULO SEGUNDO

A Proposta

Por ser tão convencida com relação à sua beleza e à sua situação financeira, Laura Storm chegava a ser antipática.

Vestia-se como correspondia à filha de um magnata, cujos negócios abrangiam desde o gado, principal riqueza da comarca, até poços de petróleo em outras regiões.

Com ar de superioridade, a jovem olhou para Matt Forest que, apesar de não ser bonito, era bastante atraente.

Quando o rapaz ao subir à varanda da casa, viu a filha de Storm, pareceu indiferente à sua beleza.

— Esta é Laura, minha filha — apresentou Storm, orgulhosamente. — Este é Matt Forest... que como eu, também anda atrás de Lynn...

— Ah... Então você é um desses tais caça-bandidos, rapaz? — indagou a jovem, com ironia.

— Caço o que posso, mocinha... — retrucou ele, no mesmo tom.

A jovem sorriu um tanto sem jeito e pouco depois via seu pai e o forasteiro entrarem na casa.

Os dois homens sentaram-se na sala e logo em seguida, Matt Forest indagou:

— O que Lynn queria aqui, hem?

Storm sorriu.

— Gosto de seu jeito, rapaz — falou, em seguida. — Você não perde tempo, vai direto ao assunto.

— Antes, meus modos pareciam não lhe agradar, não é mesmo? Mas, é como dizia meu pai... Mostre sua força e terá todos aos seus pés.

— Seu pai deve ter sido um homem inteligente... E você também poderá provar que o é, se souber controlar e ver até onde pode chegar.

— Por enquanto, me contento em chegar ao esconderijo de Lynn, para poder matá-lo...

Storm sorriu novamente.

— Logo falaremos sobre isso — murmurou.

— Estou com um pouco de pressa, sabe?

— Resolveremos tudo em cinco minutos. O tempo de bebermos um uísque... É escocês legítimo, você irá gostar.

E Storm foi até um armário, de onde apanhou uma bonita garrafa escura.

— Eu bebo muito depressa, sabe, Storm? — comentou Matt Forest, enquanto o dono da casa servia a bebida.

— Você é um sujeito valente, decidido... Quer que eu lhe conte uma coisa? Gostaria que você trabalhasse para mim.

— Não quero ser empregado de ninguém.

Olhando-o fixamente, o magnata entregou-lhe um copo, enquanto dizia:

— Beba... Isto o acalmará um pouco.

— Quando quero me acalmar, uso isto — e Matt bateu na coronha do revólver. Depois, acrescentou: — Ou... procuro uma garota bonita ...

Nesse momento, Laura Storm, que entrava na sala, disse:

— Pelo que estou vendo, esse seu amigo é um bocado convencido, papai...

— Fique lá fora, Laura. Estamos tratando de um assunto muito sério.

— Está bem... está bem, papai... — retrucou a jovem, embora contrariada, e tornou a sair da sala.

Então, Gordon Storm, virando-se para seu convidado, acrescentou:

— Meu rapaz, nesta vida, todos nós trabalhamos para alguém. Não acho que seja uma humilhação, o fato de eu querer contratá-lo para ser... meu homem de confiança.

Matt Forest franziu a testa, surpreso, e em seguida, perguntou:

— Como pode confiar em mim, se mal me conhece?

— Algumas vezes, um segundo basta para conhecermos uma pessoa, enquanto que outras nem em uma vida inteira chegamos a conhecer.

— Deixe de bobagem. Você está querendo me contratar só porque eu brigo bem e sou bom no Colt.

— Duas excelentes qualidades, se as utilizamos para uma causa justa.

— Pois eu não alugo essas qualidades — retrucou Matt, levantando-se.

— Espere.,.

— Já tomei seu uísque — respondeu o rapaz. — Não é ruim. Já bebi piores.

Aquilo era uma ofensa, mas Storm limitou-se a sorrir. Por enquanto, estava disposto a deixar que as coisas corressem do modo que o forasteiro quisesse.

— Matt... ofereço-lhe duzentos dólares por semana, só para você me acompanhar nas viagens ou quando eu for tratar de assuntos com alguns clientes — falou, depois.

O rapaz sorriu.

— Você está querendo é contratar um bom pistoleiro, Storm... para resolver seus problemas com os inimigos... Não é isso?

— Como você é desconfiado! — exclamou o outro.

— Tem razão. Sou mesmo muito desconfiado, mas nunca me dei mal por isso, pelo contrário. Bem, mas agora você vai ou não vai me dizer onde está Lynn?

— Você trabalhará para mim?

O rapaz sorriu com ironia, exclamando:

— Ah! Então, está querendo fazer chantagem comigo... Você é muito esperto, Storm.

— Ouça, Matt. Lash Lynn. não merece que um sujeito como você saia daqui para ir matá-lo no meio do inferno. O homem que eu designei para fazer isso não falhará. Pode ficar descansado.

— Aposto como ele não é tão rápido quanto eu.

Agora foi o magnata quem sorriu.

— Nesse caso, a rapidez não conta, Matt... Lynn não pode se defender.

— Estou vendo que você o conhece muito pouco — retrucou o rapaz.

— Engana-se. Eu o conheço até demais... Lynn é um farsante, que humilhou minha filha, conquistando-a, só para ter a chance de me roubar.

Após pigarrear, o homem acrescentou:

— Eu confiava naquele patife, que se aproveitou disso para falsificar documentos e retirar dinheiro do banco em meu nome... Por isso, ele vai morrer.

— Nunca pensei que Lynn fosse desses que se escondem. Acho que não estamos falando da mesma pessoa.

— Estamos sim. Só há um Lash Lynn, e se agora ele está se escondendo, é porque não pode se defender... Está com as mãos queimadas,

inutilizadas, entendeu? Está vendo por que não é preciso nenhum pistoleiro excepcional para liquidá-lo?

Matt pareceu surpreender-se com a notícia, mas por fim, retrucou:

— Com as mãos queimadas ou não... eu quero matá-lo para vingar meu irmão.

— Está bem, teimoso... Vá esta noite ao saloon do lar vis e procure por Welkins. Isso é tudo o que tenho a lhe dizer.

— Obrigado, Storm. Ah! E por enquanto não me interessa sua proposta de emprego. Talvez mais tarde, quem sabe...?

E pouco depois de dizer isso, o rapaz saiu da casa.

Laura, que estava na varanda, olhou-o de alto a baixo com arrogância, falando:

— Vai... procurar algum calmante?

— Não. Mas quando estiver precisando de um, me lembrarei de você.

— Grosseiro. Sabia que alguém também quis zombar de mim e se deu mal... — Retrucou a jovem, furiosa.

— Está falando de Lynn? — perguntou Matt, sorrindo. — Bem, beleza, desculpe-me, mas agora estou com pressa. Até qualquer hora — e piscou-lhe um olho, como se ela fosse uma vulgar corista de saloon.

Welkins era um sujeito alto, forte e mal-encarado, que não admitia outra lei que não fosse a ditada por seu patrão e pelos potentes Colts que portava.

Agora ele falava com Storm, no escritório que este tinha em sua casa.

— Aquele sujeito irá procurá-lo... — Começou a dizer o chefe.

— Quer que eu o liquide?

O magnata balançou negativamente a cabeça, dizendo em seguida:

— Não, Welkins. Ele é um sujeito de valor... E quando eu vejo um sujeito assim, procuro tê-lo ao meu lado... se isso for possível. Ele o acompanhará, mas não quero que você lhe diga onde Lash Lynn está escondido.

— Eu preferia ir sozinho.

— Eu sei..., Mas Matt não lhe criará problemas. Ele está doido para acabar com Lynn, que matou seu irmão. Por isso, ficará satisfeito quando o vir morto.

Welkins balançou afirmativamente a cabeça i, quando já ia sair, ouviu seu chefe acrescentar:

— Ah! Não me interessa qual de vocês dois irá matar Lynn. Para mim, o importante é que ele morra... Mas lembre-se, você não deve dizer a Matt onde Lynn está. Ele pode cismar de se adiantar a você e, como é meio afoito, sei lá... pode estragar tudo.

— Não se preocupe, patrão. Ele só chegará ao esconderijo de Lynn comigo.

— Está certo. E agora, vá até o saloon de Jarvis. Matt já deve estar lá à sua espera.

Welkins saiu da casa, montou a cavalo e partiu a galope, em direção ao povoado.

* * *

Realmente, Matt Forest estava no saloon, e quase toda a freguesia já sabia que ele estava querendo matar Lynn.

O rapaz, que horas antes o vira sair do quartel-general de Storm, aproximou-se dele, perguntando:

— Por que está querendo matar Lynn? Pensei que vocês fossem amigos.

— O quê! — exclamou Matt. — Você deve estar louco, rapaz. Eu não faço amizades com patifes!

Falou alto, com sua habitual agressividade, e o outro deu de ombros.

— Desculpe-me... Pensei que alguém havia resolvido acabar com Storm.

Um homem que estava próximo do rapaz que falava, advertiu:

— Cuidado, Alex. É perigoso falar assim. Isto aqui está cheio de lacaios de Storm.

— E daí...? Gordon Storm é um ladrão..., E Lynn só queria nos ajudar... Eles não se contentaram em queimar-lhe as mãos; agora querem matá-lo.

Virando-se para o rapaz, Matt Forest explicou;

— Lynn é um pistoleiro que trabalha para quem lhe paga mais... Ele não queria ajudá-los, node crer. Tudo o que ele possa ter feito foi por interesse próprio. Eu o conheço muito bem. — Após um instante, Matt acrescentou: — Lynn matou meu irmão, e eu nunca o perdoarei!

— Sinto muito — murmurou Alex. — Eu não sabia disso..., mas continuo achando que ele foi uma das pessoas que quiseram ajudar esse

povoado ...

— De que você está se queixando, Alex? — indagou nesse momento um sujeito mal-encarado.

— Não se meta, Browley. Não estou falando com você... — replicou Alex.

— Tenho que me meter. Você está descendo o malho em meu patrão.

Matt Forest percebeu que aquele sujeito pertencia ao bando de Gordon Storm.

— Não me amole, Browley! — exclamou Alex, dando-lhe as costas.

— Não gosto que falem mal de meu patrão... Você chamou-o de ladrão, não foi? Pois agora vai retirar o que disse — exigiu o mal-encarado.

Alex virou-se lentamente, notando que aquele assunto não poderia ser resolvido apenas com palavras.

Os que estavam por perto dos dois que discutiam afastaram-se instintivamente, enquanto ouviam Alex exclamar:

— Não retiro nada!

— Você já está me fazendo perder a paciência, rapaz!

E, após dizer isso, Browley deu um passo para trás, enquanto aproximava a mão direita do cabo do revólver.

Matt, que estava bem próximo do empregado de Storm, observava atentamente todos seus movimentos.

— Vamos, Alex — insistiu Browley. — Retire logo o que disse, ou...

Não terminou a frase, mas todos entenderam o que ele queria dizer.

— Browley... você está zangado porque eu não sou covarde como a maioria dos que vivem nesta cidade. Eu não tenho medo de ninguém, por isso digo sempre o que penso. — O rapaz interrompeu-se e depois acrescentou: — Vocês conseguiram transformar Green River em um verdadeiro povoado de cordeirinhos, onde ninguém levanta a voz sem permissão de Storm, não é? Mas cuidado; ainda há alguns que pensam como eu e que já estão fartos disso...

— Chega de conversa! — gritou o capanga de Storm. — Só quero que você retire o que disse.

— Não retiro!

Após esse grito, Alex levou a mão ao revólver. Browley, porém, demonstrou que era muito mais rápido, porque conseguiu sacar primeiro,

com uma agilidade impressionante. Mas antes que pudesse atirar, teve uma surpresa.

Sem que ninguém visse, Matt sacara também e agora, agindo depressa, deu uma coronhada no queixo de Browley, que caiu no chão, desacordado.

Nesse exato momento, uma jovem apareceu na porta do saloon e, olhando para o grupo, gritou:

— Alex!

Era a mesma jovem que acompanhava o rapaz quando Matt e Storm saiam do edifício pertencente ao magnata.

Após gritar, ela correu até Alex, que olhava agradecido para Matt Forest, por este lhe ter salvo a vida.

Nesse instante, Welkins abriu passagem entre! os presentes e, olhando para o forasteiro, resmungou:

— O senhor Storm não vai gostar nada do que você fez, rapaz.

— Azar. Não sou empregado dele — retrucou! Matt, dando de ombros.

CAPITULO TERCEIRO

A caminho do esconderijo de Lynn

A conversa entre Matt e Welkins foi rápida, e o capanga de Storm foi bastante sincero ao dizer:

— Não me agradou nada essa idéia de irmos juntos. Eu não topo sua cara, entende? Espero que você não me perturbe durante a viagem.

Matt Forest olhou o outro, atentamente, e em seguida, respondeu.

— Eu também não vou com sua cara, Welkins... E não gostaria nada de ter de aguentá-lo, mas enfim...

— Não se faça de engraçadinho. E desde já fique sabendo que quem dará as ordens serei eu.

— E é bom você ficar sabendo que eu é que matarei Lash Lynn.

Fingindo não ter ouvido o que o outro dissera, Welkins acrescentou:

— Sairemos amanhã, por volta das sete horas. Ah, e é bom você não se atrasar, porque eu não vou esperar ninguém.

Sem responder, Matt saiu do bar, e ao passar diante de um bebedouro próximo viu Browley, que já voltara a si e foi até ali passar um pouco de água no rosto.

O sujeito fitou-o com ódio, mas não lhe disse nada; parecia estar com medo de Matt.

Este afastou-se e caminhou em direção ao final da rua principal.

Ia lentamente, quando, junto a uma esquina, viu Alex e a jovem que aparecera no saloon no final da confusão.

Alex apressou-se a apresentar-lhe sua acompanhante.

— Esta é Karen, minha irmã.

Ela então acrescentou:

— Eu queria lhe agradecer, Matt Forest... É esse seu nome, não é mesmo?

O rapaz balançou afirmativamente a cabeça, dizendo em seguida:

— Sim. Mas... porque está me agradecendo?

— Por ter salvado meu irmão.

— Ora, eu teria feito aquilo por qualquer um... Não se preocupe com isso.

— Browley é muito mais rápido que eu — admitiu Alex, nesse momento. — Eu sabia disso, mas na hora perdi a cabeça, compreende...?

— Pois da próxima vez controle-se, rapaz, porque senão você poderá se dar mal.

— O que essa gente vem fazendo em Green River é humilhante para quem vive aqui — comentou Alex. — Alguém precisa enfrentá-los.

— Isso não me interessa. Se o ajudei foi porque vi que aquilo não ia ser um duelo, mas sim um assassinato.

Nesse momento, Karen interveio para dizer:

— Alex me contou que Lash Lynn matou seu irmão... Eu custo a acreditar, sabe?

— Mas é verdade... Lynn é miserável!

— Minha irmã conversou algumas vezes com ele e achava-o muito simpático...

Matt sorriu.

— É... — falou, depois. — Lynn não perdia tempo. Ele tentou conquistar a filha de Storm e parece que a você também... E pelo jeito, ele conseguiu impressioná-la, não é mesmo?

— Bem, entre nós não havia nenhum compromisso sério, mas eu... — a jovem interrompeu-se e em seguida ajuntou: — Bem, eu continuo custando a acreditar que ele seja um assassine.

— Está bem... Então, veja isso...

E Matt tirou do bolso uma velha carteira e dela uma fotografia amarelada.

— Olhem.

Mostrou-a aos dois irmãos.

Na fotografia, via-se Matt, sorridente, ao lado de outro homem, que devia ser uns dois ou três anos mais velho que ele.

— Este era meu irmão... — explicou o rapaz. — Cheio de vida, de sonhos... Você ainda acharia Lynn simpático se ele tivesse assassinado Alex? Vamos, responda...

— Bem, claro que não — respondeu Karen, devolvendo-lhe a foto.

— Além do mais — acrescentou Matt — se Lynn tentou conquistar a filha de Storm e você, isso prova que ele é um sem-vergonha.

Nesse instante, Alex interrompeu-o para dizer:

— Lynn tentou conquistar Laura Storm só para poder aproximar-se de seu pai... Ele não gostava dela...

— Quanto lhe pagaram para fazer o serviço?

Alex ficou meio confuso com aquela pergunta do forasteiro e não soube o que responder.

— Diga tudo a ele... — pediu Karen, olhando fixamente para o irmão.

— Bem... — começou a dizer o rapaz — alguns de nós nos reunimos e resolvemos lhe pagar cinco mil dólares.

— Como Lynn era bonzinho! — exclamou Matt Forest, com ironia. — Ele quis ajudá-los, mas por cinco mil dólares... Isso qualquer um faria.

Alex apressou-se a explicar:

— O que ele tinha de fazer era muito perigoso... Lynn tinha de descobrir todos os podres de Storm. Nós precisávamos provar que muitos de seus negócios eram desonestos, pois só assim conseguiríamos que as autoridades nos ouvissem ...

— E para isso resolveram contratar um pistoleiro profissional, não é?

— Aqui não há lei, Forest, exceto a ditada por Storm. O xerife e seus ajudantes são lacaios desse canalha.

— E Lynn, sabido como é, falsificou documentos... Assim, enquanto os ajudava, aproveitava também para tirar lucros do negócio, além dos cinco mil dólares que iria receber.

— Não acredito que Lynn tenha feito uma coisa dessas — protestou Alex. — Storm só o está acusando, porque ele passou a saber coisas demais a seu respeito.

Matt olhou fixamente para os dois, durante alguns momentos, até que de repente falou:

— Não adianta... Vocês não conseguirão me convencer a não matar aquele assassino. Nesse caso eu continuarei do lado de Storm.

E após dizer isso, se afastou dali, dirigindo-se novamente ao centro do povoado.

Alex e Karen entreolharam-se significativamente, como se tivessem a certeza de que Lash Lynn já podia se considerar um homem morto.

* * *

Matt Forest já estava pronto, quando Welkins aproximou-se, montado a cavalo.

O rapaz passara a noite numa cocheira existente próximo à saída do povoado. Dormira sobre um monte de palha, coberto com sua manta e agora sentia-se bem-disposto para enfrentar aquela viagem que o levaria ao encontro de Lash Lynn.

Nem Welkins, nem Matt se cumprimentaram e este, montando também, se dispôs a seguir o capanga de Storm.

Logo depois, Welkins esporeava violentamente como se quisesse desafiá-lo para uma corrida.

No início, Matt hesitou, mas por fim decidiu aceitar o desafio e também partiu a galope.

Durante alguns momentos, o cavalo de Welkins manteve-se com quase um corpo de vantagem sobre o de Matt.

Mas este não perdia terreno e cada vez mais aproximava-se do outro, até que chegou a alcançá-lo.

Ao notar que Matt ia passar-lhe à frente, o capanga de Storm tentou empurrá-lo para obrigá-lo a diminuir a velocidade.

Matt atrasou-se ligeiramente, mas em seguida recuperou o terreno perdido, e pouco depois seu cavalo tomava a emparelhar com o do adversário.

Os dois ficaram assim durante alguns minutos, fazendo suas montarias se esforçarem ao máximo.

Mas aquela corrida não podia durar muito. Os cavalos já estavam cansados e, além disso, a meio quilômetro de distância o caminho se estreitava, limitado por dois altos paredões rochosos.

Ali se conheceria o vencedor, pois a largura da garganta era pouca e os dois cavalos não poderiam passar emparelhados por ele.

— Arre, arre! — exclamava Welkins, esporando o cavalo, que continuava correndo ao lado do de Matt.

Entretanto, quando estavam a uns cem metros da entrada da garganta, a montaria de Matt tinha uma cabeça de vantagem sobre a do outro.

A disputa dos dois cavaleiros continuava, cada vez mais ferrenha.

Mas um deles teria de ceder, se não quisesse se arrebentar contra os rochedos que limitavam o caminho.

Os dois continuavam num galope furioso, como se não temessem aquela ameaça.

A disputa prosseguiu, até que de repente, com um grito de triunfo, Matt entrou na garganta, sob o olhar furioso de seu adversário.

Este, nervoso, teve de deter seu cavalo, que levantou as patas, derrubando-o da sela.

Welkins rolava pelo chão, quando Matt Forest já terminava de atravessar o pequeno desfiladeiro.

Pouco depois, o rapaz voltava a pé, segurando o cavalo pelas rédeas.

O animal suava por todos os poros e parecia esgotado pela corrida.

— O que você quis demonstrar Welkins? O modo como se arrebenta um cavalo?

O outro não respondeu e o rapaz, sentando-se no chão, acrescentou:

— Bem... O que você conseguiu foi prolongar um pouco a vida de Lynn... Porque isso atrasará nossa viagem.

CAPITULO QUARTO

Welkins fala...

Anoitecia, e os dois homens haviam acampado para descansar, após a primeira jornada de viagem.

— Ainda tem café? — perguntou Matt.

O capanga de Storm estava junto à pequena fogueira, e como resposta apanhou o bule e derramou no fogo o café que restava.

O outro sorriu.

— Você é muito educado, Welkins... Não esquecerei essa sua gentileza...

— Se quiser café, faça. Não sou empregado de ninguém, entendeu?

Matt levantou-se, aproximou-se do fogo, tirou os gravetos molhados e reavivou as chamas. Depois, apanhou seu próprio bule e o encheu com a água do arroio que passava próximo ao pequeno acampamento. Em seguida, enquanto esperava a água ferver, virou-se para o outro, perguntando:

— Quanto tempo falta para chegarmos ao esconderijo de Lynn?

— Menos do que faltava antes.

Matt tomou a sorrir.

— Você continua sendo muito gentil, Welkins...

— Ora, deixe-me dormir....

Olhando fixamente para o outro, Matt advertiu:

— Olhe, rapaz, se temos de continuar juntos, é melhor nos toparmos um pouco mais... Eu não sou muito paciente, sabe?

Welkins ergueu-se um pouco e, olhando com desprezo para seu companheiro, retrucou:

— É bom não se meter comigo... Você só sairia perdendo. Porque só eu sei onde Lynn está escondido.

Matt permaneceu um instante em silêncio.

— Quer saber de uma coisa, Welkins...? — falou, logo depois. — Se eu cismar, faço você me dizer onde ele está.

— Não sei como... — retrucou o outro, sorrindo cinicamente.

Houve um profundo silêncio, e Matt quase podia ouvir a respiração de Welkins, que estava sentado junto ao tronco de uma árvore, a um metro de distância.

Nesse momento, o rapaz viu que a água do café já estava fervendo.

— Gosto de deixar as coisas bem claras, Welkins... Você é o guia desta viagem, mas quem manda aqui sou eu.

— Ora, deixe de dizer asneiras! — retrucou Welkins, e em seguida acrescentou: — E fique sabendo, que se tentar me pregar alguma peça, vai morrer.

Matt manteve-se em silêncio, enquanto tirava o bule do fogo, após ter feito o café. De costas para o outro, tomou um gole, e aí então perguntou:

— Quer um pouco de café...? Ele está uma delícia.

— Ora, vá para o inferno!

O que aconteceu então foi tão rápido que o próprio Welkins só foi perceber tarde demais.

Matt, que apanhara novamente o bule, virou-se rapidamente e atirou o resto do café no rosto de seu companheiro, que gritou de dor. Mas, antes que o pistoleiro pudesse raciocinar, o rapaz já lhe apontava o Colt, dizendo:

— Quem manda aqui sou eu, Welkins; meta isso na cabeça!

O outro manteve-se em silêncio, engolindo em seco.

— E agora, você vai me dizer onde Lynn está escondido — acrescentou Matt. — Já estou farto de o seguir como um cachorrinho...

Dizendo isto, engatilhou a arma, que mantinha apontada para a cabeça do outro.

Enquanto passava a mão pelo rosto, Welkins percebeu que Matt estava disposto a fazer qualquer coisa para arrancar-lhe aquela confissão.

E isso o fez quase não sentir a dor da queimadura que levara no rosto.

— Vamos, diga-me onde Lynn está escondido, se não quiser que eu lhe estoure os miolos!

— É bom você me matar mesmo, Matt... — murmurou Welkins, com ódio. — Porque se me deixar vivo, irei à forra.

— É mesmo? — disse Matt, zombeteiramente.

E em seguida pressionou o cano do revólver

na testa de Welkins, que não podia recuar porque estava encostado ao tronco da árvore.

— Vamos. Diga logo onde ele está! Já lhe falei que não sou muito paciente...

— Espere, Matt, eu...

— Eu o quê? Vamos, fale!

— Bem, eu...

— Está querendo fazer hora comigo? — exclamou o rapaz, furioso. — Pois vai se arrepender.

— Espere, Matt... Vou lhe dizer onde está Lynn... — murmurou Welkins.

— Onde ele está?

— Do outro lado da montanha... — começou a dizer. — Perto da fronteira.

Apesar daquelas palavras do companheiro, Matt não deixou de apontar-lhe a arma.

— Se você estiver me enganando, vai se arrepender, sabe? — advertiu.

— Estou dizendo a verdade... Juro!

Matt sorriu e em seguida guardou a arma, fazendo o outro respirar aliviado.

— Muito bem, rapaz... E agora prepare um bom café. E bem gostoso, ouviu? Vamos, mexa-se!

Foi então que Welkins sentiu realmente a dor da queimadura. A pele de seu rosto estava avermelhada, e perto do olho esquerdo já haviam aparecido algumas bolhas.

Mas, apesar da dor, ele tratou de andar depressa. Não queria irritar ainda mais Matt, que acabava de demonstrar o quanto era perigoso.

* * *

Cavalgaram lentamente, enquanto subiam a encosta que os levaria ao outro lado da montanha.

Matt calculou que eles ainda teriam de fazer mais duas jornadas para chegarem ao esconderijo de Lynn, mas mesmo assim não desanimava.

— Descansaremos aqui — falou o rapaz, após terem avançado bastante pela encosta. — A viagem tem sido dura e os cavalos estão exaustos.

Agora era ele quem mandava, sendo sempre obedecido por Welkins.

Pouco após terem se acomodado, o pistoleiro, virando-se para Matt, perguntou:

— Por que você agora não continua sozinho e mata Lash Lynn?

O rapaz franziu a testa.

— Por que tenho de ir sozinho?

— Ora! Você estava tão interessado em saber onde ele se esconde...

— Não quero deixar ninguém atrás de mim... E muito menos um sujeito como você.

O outro sorriu, falando em seguida:

— Você tirou as balas de meu revólver e também apanhou toda minha munição...

— Fiz isso para poder ficar mais tranquilo...

Matt fez uma breve pausa e, olhando para seu interlocutor, acrescentou:

— E não pense que poderá me fazer alguma coisa quando eu estiver dormindo, porque eu lhe garanto que se dará mal.

Welkins olhou-o com indiferença, procurando não dar a perceber o que estava pensando naquele momento.

— Bem... agora fale-me de Storm... — propôs Matt, enquanto deixava o companheiro se encarregar de preparar a comida.

Welkins deu de ombros e ouviu o outro acrescentar:

— Depois que eu matar Lynn, talvez aceite a proposta de seu patrão e vá trabalhar para ele. Então, seremos companheiros de trabalho.

Houve um breve silêncio, até que, de repente, Matt Forest perguntou:

— Storm é mesmo um pilantra, como muita gente diz?

— Ele paga bem — foi a resposta de Welkins. — O que eu ganho por mês lá no rancho não conseguiria por ano em qualquer outro lugar. A mim não interessa o que meu patrão seja.

— Entendo... Para você, o dinheiro tem o mesmo valor, venha de onde vier, não é mesmo?

Welkins balançou afirmativamente a cabeça.

— Exatamente — murmurou depois.

— Pois eu já penso de forma muito diferente... Gosto de conhecer meus patrões. Nunca trabalho, sem antes saber quem quer me contratar.

— Bem, cada um tem um modo de agir... Eu não sou assim e não sei de nada sobre Storm.

— Ele parece ser um sujeito vingativo... Eu, pelo menos, tenho motivo para matar Lynn, mas cie...

Welkins manteve-se calado, e pouco depois ouvia seu companheiro comentar:

— Dizem que Lynn quis conquistar a filha de Storm apenas para poder roubá-lo... Sabe de uma coisa? Aquela garota é muito orgulhosa e talvez merecesse o que Lynn lhe fez, para perder um pouco o topete...Quem ela pensa que é, afinal?

Welkins deu de ombros, retrucando:

— Isso não me interessa.

O capanga de Storm respondia de má vontade. Ainda não esquecera o susto nem a humilhação por que passara na véspera.

— Bem, amigo... Agora vou dormir. Coma e deixe alguma coisa para mim, mas não ponha veneno na comida... porque não adiantaria... — Matt riu. — Eu tenho sete vidas como os gatos.

E, após dizer isso, apanhou seu cavalo pelas rédeas e se afastou.

Quando já estava a uma certa distância do acampamento, virou-se e viu que Welkins continuava perto do fogo, embora não deixasse de observá-lo.

Matt sorriu de novo.

— Nada de asneiras, hem? Mesmo que me veja dormindo, desconfie... Eu posso estar só fingindo...

Em silêncio, Welkins voltou sua atenção para o fogo e para a comida que estava preparando, enquanto Matt desaparecia atrás de uns rochedos.

Ao fim de uns dez minutos, Welkins deixou o que estava fazendo e olhou ao redor.

Sacou o revólver e resmungou algo ininteligível. Em seguida, remexeu em seu alforje. Não restava nem um só cartucho, porque Matt tivera o cuidado de levar todos consigo.

Guardou a arma e avançou, seguindo a mesma direção que o companheiro tomara.

Caminhava lentamente, procurando não fazer barulho, até que chegou ao lugar onde vira o rapaz desaparecer.

Olhou novamente à sua volta e notou então que naquela parte havia muitos arbustos e rochedos.

Welkins pensou que o outro podia estar escondido por ali e passou a avançar ainda com mais cautela.

Vendo as pegadas do cavalo de Matt Forest, resolveu segui-las.

As pisadas do animal iam na direção de um enorme rochedo, que tinha uns sete metros de altura e quase uns cinco de largura.

Ao avistá-lo, Welkins sorriu, certo de que Matt estava escondido ali.

Sempre agindo com cautela, caminhou naquela direção e, ao chegar junto ao rochedo, colou-se a ele, avançando até seu extremo mais próximo.

Mas não havia dado nem três passos, quando ouviu Matt Forest dizer às suas costas:

— Está me procurando, Welkins?

Este virou-se depressa e então viu que o outro o olhava sorrindo.

— Eu...

— Vamos, responda... — disse Mat. — E e melhor pensar bem na desculpa que vai me dar.

Matt, que saíra de uns arbustos próximos, não empunhava nenhuma arma e parecia esperar pela possível reação de Welkins.

— Eu não preciso lhe dar desculpa alguma! — exclamou este. — Vim aqui apenas para lhe dizer que a comida já está pronta.

— Ah... e por isso você anda com todo o cuidado, procurando não fazer barulho, não é mesmo? — o rapaz sorriu com ironia e acrescentou: — Você é de morte, Welkins...

CAPITULO QUINTO

Lembranças

Eram quase cinco horas da manhã quando Matt abriu os olhos e bocejou.

Em seguida, virou-se para a esquerda e viu Welkins, que parecia observá-lo.

— Velando meu sono, Welkins? — disse, com ironia.

O outro não respondeu e Matt, após descobrir-se, ficou de pé.

Nesse momento, Welkins percebeu que ele estava sem cinturão. Achou isso um tanto estranho, mas não fez nenhum comentário a respeito.

Logo depois viu Matt ir até uns arbustos próximos e deslocar uma pedra do chão, deixando um buraco aberto. Dali, ele tirou o cinturão, o revólver e uma grande quantidade de munição.

Enquanto afivelava calmamente o cinturão, Matt Forest olhou para o companheiro, dizendo:

— Tomei minhas precauções, sabe? Você podia querer fazer alguma asneira...

Welkins continuou calado, e logo depois ouvia o rapaz acrescentar:

— Claro que você podia tentar me dar uma coronhada ou fazer outra coisa parecida, mas não ia ser fácil... Eu tenho o sono muito leve e teria ouvido qualquer barulho que você fizesse.

Os dois entreolharam-se fixamente durante alguns instantes, até que, Welkins indagou:

— Vai devolver minha munição?

Matt balançou negativamente a cabeça.

— Não — falou, depois.

— Por quê?

— Porque eu não quero ser obrigado a matá-lo, rapaz... — foi a resposta de Forest. — Na verdade, eu não tenho nada contra você..., mas agora vamos. Eu já descansei bastante... E você, se não fez o mesmo, foi porque não quis.

Mais uma vez, Welkins teve de obedecer às ordens de seu companheiro que, olhando para o alto da montanha, comentou:

— Não demoraremos muito, a chegar ao outro lado. Essa foi a nossa penúltima etapa. Amanhã, Lynn já estará morto e então poderemos voltar.

Recomeçaram a avançar em silêncio e, ao chegarem ao topo da montanha, o sol já havia nascido.

Matt cavalgava um pouco adiantado,' observando a paisagem que tinha à sua frente.

Dali podia ver o vale, o bosque, o rio, como um caminho estreito serpenteado entre as colinas.

Ali estava o esconderijo de Lash Lynn, o homem marcado para morrer...

De repente, Matt deteve-se e, virando-se para seu companheiro, perguntou:

— Como Lynn ficou com as mãos inutilizadas?

— Bem, foi ele mesmo quem procurou isso — retrucou Welkins, roucamente.

— Mas como aconteceu?

— Ele tentou incendiar o celeiro do rancho. Queria distrair a atenção de todos para poder roubar, mas foi apanhado e se deu mal...

— E queimou-se, não é? — murmurou Matt.

Como sempre, Welkins não parecia muito disposto a falar. Mas, diante da insistência do outro, ele terminou relatando os fatos:

— Naquela noite, procurando não ser visto por ninguém, e após despedir-se de Laura, Lynn fingira que voltava para o povoado, quando na verdade, dando uma volta, regressara ao rancho de Storm. Após deixar o cavalo escondido, ele correra até o celeiro. Ali derramara sobre um monte de palha o querosene que levara numa garrafa e depois riscara um fósforo, incendiando-o. Ao começar a se alastrar, o fogo fora visto por um dos homens de Storm, que se apressara a dar o alarma. Então, enquanto alguns procuravam dominar o sinistro, outros se dispunham a encontrar seu autor. Agindo com astúcia, Lynn conseguira correr até a casa principal e, por uma janela, entrara no escritório de Storm, que se encontrava na cidade. Ali começara a vasculhar todas as gavetas, quando foi surpreendido por Laura.

“— Foi você! Miserável...! Esteve me iludindo esse tempo todo, só para ter a chance de fazer isso, não é mesmo?”

— A jovem que ameaçava Lynn com um rifle, parecia fora de si de tanto ódio.

"— Sei que qualquer desculpa que eu der será inútil — falara o homem, acrescentando: — Mas... em consideração aos momentos que passamos, sei que você não vai atirar."

— E Lynn, confiando no efeito de suas palavras, avançara até ela, mas se dera mal, porque a jovem disparara. E o tiro terminara indicando aos que procuravam o incendiário, onde poderiam encontrá-lo. Logo depois, Lash Lynn era rodeado pelos homens de Storm. E um deles, chamado John Cavendish, o capataz do rancho, exclamara:

"— Pode rezar por sua alma, miserável! O que você fez não tem perdão!

"— Não! Não o matem!"

— Quem dera esse grito fora Laura Storm, mas não havia o menor sinal de compaixão em suas palavras. Pelo contrário, ela pensava em se vingar e de um modo muito mais cruel. Após o incêndio ter sido debelado, foi acesa uma fogueira e, quando só restavam as brasas, começara o martírio. Obedecendo a uma ordem de Cavendish, vários homens seguraram Lynn que, embora se debatesse, foi obrigado a pôs as mãos sobre as brasas.

"— Assim, você nunca esquecerá esse dia! — exclamara Laura, enquanto Lynn, com as mãos totalmente queimadas, gritava de dor."

— Vigiaram-no, não deixando que nenhum médico o atendesse. Esperavam pela volta do patrão, que ditaria o castigo definitivo, mas durante a espera Lynn conseguira fugir. Passaram-se quase quatro meses, até que por acaso alguém descobriu seu paradeiro e logo depois Storm era informado de onde esse se encontrava.

E esta era toda a história.

* * *

Os raios do sol banhavam o vale, enquanto os dois homens descansavam um pouco antes de seguir viagem.

— Calculo que daqui umas três horas estaremos chegando ao esconderijo de Lynn... — comentou Matt Forest, em certo momento.

— Pois, então, vamos. Estou doido para acabar com isso.

— Calma, rapaz... — exclamou Matt. — Para que tanta pressa, assim?

O outro franziu a testa, indagando:

— Ora! Você estava doido para matá-lo, não?

— Estava..., mas agora vejo que o melhor da festa é esperar por ela — retrucou Matt, sorrindo.

Apôs encará-lo durante alguns instantes, o capanga de Storm comentou:

— Você é pior do que eu imaginava...

— E você é algum santo, por acaso?

— Eu apenas cumpro ordens.

— Eu sei... — replicou Matt Forest. — Se o mandarem matar alguém, você nem sequer se preocupa em saber se o sujeito tem ou não razão. Mata-o com a maior tranquilidade, não é mesmo?

— Isso não interessa...E agora chega de conversa, está bem?

— Não precisa ficar nervoso, Welkins... Nem me olhar com cara feia, que eu não tenho medo.

O pistoleiro olhou irado para o rapaz, mas preferiu silenciar.

— Você me odeia um bocado, hem, Welkins...? — comentou Matt Forest, depois. — E só não tenta me matar porque sabe que se daria mal, não é verdade?

— Ora, não me amole! Vou ver se durmo um pouco...

Matt Forest olhou-o com desprezo e, pouco depois, dando meia-volta, afastava-se dali.

Então Welkins, já deitado, contemplou as costas do rapaz, enquanto pensava em seu revólver descarregado.

Nesse momento, Matt aproximou-se da beira de um barranco, cujo fundo estava a uns dez metros aproximadamente.

O outro, que o observava, achou que aquela podia ser uma excelente oportunidade para se vingar dele e tratou de agir.

Após levantar-se cautelosamente, saiu correndo, pensando em jogar o rapaz no fundo do barranco com uma cabeçada.

Mas, nesse instante, Matt virou-se e, ao perceber quais eram as intenções do agressor, recebeu-o com um violento pontapé.

Welkins deu um grito e caiu para trás, enquanto seu nariz começava a sangrar. No entanto, com um grande esforço, levantou-se e, mesmo ferido, se dispôs a atacar Matt novamente.

Este esquivou-se do chute que o adversário queria lhe dar e, logo em seguida, com um forte murro no queixo, jogou-o no chão, desmaiado.

Matt olhou-o com desprezo durante alguns momentos e logo depois sentou-se perto dele. Então, baixou a cabeça e começou a pensar. Em sua mente, veio a imagem de Lash Lynn.

Aquela cena que o rapaz relembrava agora se passara há alguns anos atrás, quando ele e Lynn se encontravam num descampado que margeava um arroio.

* * *

Matt atirava contra pequenos galhos das árvores e ao seu lado, Lynn sorria.

— Você está cada vez melhor, rapaz.

— Bem... Se é um professor como você que está dizendo isso...

— Não estou exagerando, Matt. Mas também sou sincero ao lhe dizer que, para você chegar a dominar completamente o revólver, ainda precisa treinar muito.

— Não pretendo ser nenhum pistoleiro profissional como você, Lynn. Acho que existem trabalhos melhores.

Lynn sorriu, retrucando em seguida:

— Pois saiba que com essa profissão se ganha dinheiro mais depressa. Quando as pessoas estão em apuros, são muito mais generosas.

— Você explora os sentimentos alheios, Lynn.

— Eu vivo, rapaz; só isso...

E Matt virara-se inesperadamente para o amigo, apontando-lhe a arma.

— Quieto!

Lynn empalidecera.

— Não faça mais isso, Matt — exclamou, em seguida, olhando-o fixamente. — Nem de brincadeira.

— Ora! O professor assustado com o aluno?

— Não é isso... É que eu podia ter sacado e...

— Sacado...? Mas... você bem sabe que eu sou seu amigo, Lynn.

— Bem, mas às vezes muitos amigos viram a cabeça e se tornam perigosos inimigos... Eu sei de alguns casos assim.

— Eu nunca atiraria em você, Lynn.

— Você não pode garantir uma coisa dessas, rapaz.

— Como não? Eu sempre sei o que faria e o que não faria. Cada um sabe do que é capaz.

— E por dinheiro... Sei de. muitos que por dinheiro trairiam seu melhor amigo, e de outros que venderiam até a própria mãe.

— Bem, deixemos isso de lado, Lynn... — falara Matt. — Você vem mudando muito ultimamente... Por que não abandona essa profissão, hem? Eu sei que é ela que está provocando essa sua mudança.

O outro sorrira com amargura, dizendo, depois:

— Não posso seguir seu conselho, Matt. Estou marcado. Sou conhecido em toda parte. Mesmo que eu quisesse deixar essa vida, sei que seria impossível. Um bom pistoleiro é sempre procurado; ou desejam oferecer-lhe dinheiro ou querem matá-lo... Sou considerado um dos melhores de todo o Oeste, e essa fama tem um preço muito alto.

Nesse momento, os pensamentos de Matt foram interrompidos por um gemido de Welkins que começava a voltar a si.

CAPITULO SEXTO

O encontro com um ex-pistoleiro

Os dois cavaleiros pararam de avançar quando já se haviam internado bastante no vale.

— Lá está o esconderijo de Lynn — murmurou Welkins, apontando para uma cabana situada a uns quinhentos metros mais abaixo.

O rio agora estava muito mais próximo e no bosque viam-se algumas clareiras, numa das quais se erguia a humilde vivenda.

Nesse exato momento, próximo à entrada de sua casa e de pé sobre um rochedo, Lash Lynn contemplava o panorama pela parte do rio.

Ele era um homem alto, forte, de uns trinta e três anos, e que parecia ser uma pessoa muito sofrida. Tinha as mãos enfaixadas e de vez em quando as olhava com tristeza.

De repente, Lynn resolveu tirar as ataduras de uma delas e então viu que a pele ainda não havia crescido e que os dedos permaneciam encurvados. Tentou movê-los, mas desistiu logo depois, porque sentia muita dor.

Após enfaixar novamente a mão, entrou na cabana e dirigiu-se ao fogão, onde pusera uma panela para esquentar.

Utilizando habilmente os pulsos, tirou a panela do fogo e em seguida tentou segurar um prato de alumínio, mas este resvalou e caiu no chão.

Furioso, Lynn apertou os dentes e, com um safanão, jogou no chão a panela, derramando assim o ensopado que preparara.

Em seguida, sentou-se à mesa e, acotovelando-se nela, cobriu o rosto com as mãos.

Enquanto isso, Matt e Welkins preparavam-se para se aproximar da cabana. Pouco antes de esporearem os cavalos, o primeiro remexeu em seu alforje e tirou uma caixa de balas de Colt.

— Deixe-me ver seu revólver — pediu.

Welkins obedeceu e viu o outro carregar totalmente sua arma.

Em seguida, Matt guardou a caixa e entregou o revólver a seu companheiro.

— Tome. Mas só use isso em caso de extrema necessidade. E nada de tentar me trair, porque você se daria mal...

— E as balas de meu cinturão? — perguntou Welkins, franzindo a testa.

Matt hesitou, mas por fim remexeu novamente no alforje e tirou um punhado de cartuchos.

— Tome, guarde-os.

Welkins apanhou as balas e enfiou-as no cinturão, após ter guardado o revólver.

— Vamos... — ordenou Matt Forest, nesse momento. — Você na frente.

Começaram a avançar lentamente pelo bosque e por fim chegaram à clareira onde se erguia a cabana.

Uma vez ali entreolharam-se durante alguns momentos, até que por fim Matt fez um sinal com a cabeça a Welkins para que este seguisse adiante.

A porta da cabana estava encostada e, antes de se aproximarem muito dela, os dois desmontaram.

Ao ouvir um ruído de passos, Lash Lynn apareceu à porta e, ao ver os dois recém-chegados, ficou imóvel. Em seguida, levantou as mãos, demonstrando que não portava armas e que nem sequer poderia utilizá-las.

— Olá, Lynn — saudou Matt, friamente.

Welkins já havia sacado o revólver e olhava com raiva para o ex-pistoleiro.

— Espere, rapaz. Temos muito tempo para fazer isso... — advertiu Matt.

E depois avançou lentamente, sendo seguido por Welkins. Ambos pararam quando estavam a poucos metros de Lynn.

— Não posso me defender!

Matt Forest sorriu com ironia.

— Quem é que não vê isso, Lynn? Mas de qualquer forma, você está perdido... Sua sentença já foi ditada!

— Vai me matar?

— Ainda pergunta...? Mas agora vamos, apanhe uma pá.

Lynn franziu a testa.

— O quê...?

— Apanhe uma pá!

— Mas...

— Vamos, segure-a como puder... Isso não me interessa.

Welkins olhou para o companheiro, como se quisesse lhe perguntar o que ele pretendia fazer, mas Matt não lhe deu nenhuma explicação.

Em vez disso, entrou na cabana atrás de Lynn e observou como este com muita dificuldade, apanhava uma pá com as duas mãos.

— Muito bem, Lynn... — comentou Matt, com ironia. — Você até que está demonstrando ser um sujeito obediente...

Nesse momento, irritado, Welkins exclamou:

— Vamos acabar logo com esse drama!

— Calma, Welkins, calma... Primeiro, temos de abrir uma sepultura.

— Ora, podemos deixá-lo por aí mesmo para que os abutres o devorem... — resmungou Welkins. — Ele só merece isso mesmo.

— Já decidi o que faremos com ele, e está acabado! E agora, Lynn, vamos lá para fora.

O ex-pistoleiro mal podia segurar a pá. Mas, após um grande esforço, conseguiu colocá-la debaixo de um braço e em seguida saiu da cabana, à frente de Matt.

— Lynn terá um túmulo caprichado... Farei uma inscrição num pedaço de madeira, explicando que espécie de sujeito ele era e quem o matou — comentou Matt Forest, e depois acrescentou: — Agora vamos, Welkins, apanhe a pá e comece a cavar. Depois, eu também cavarei um pouco.

— Ora, chega de idiotices! Eu só vim aqui para liquidar esse sujeito e vou fazer isso agora! Depois, se você quiser, enterre-o!

— Não, Welkins! — gritou Matt.

Estavam a uns cinco metros da entrada da cabana. Lynn olhava apavorado para Welkins, que acabava de engatilhar o revólver.

— Não me mate! Eu não posso me defender! — exclamou o ex-pistoleiro.

Foram suas últimas palavras, porque logo depois Welkins atirava e ele estatelava-se no chão.

Quase no mesmo instante, Matt, furioso, sacou o revólver e, com um balaço certeiro, desarmou seu companheiro, sem feri-lo.

— Miserável! — gritou, depois. — Eu lhe disse que queria matá-lo, não disse?

— Mas...

— Cale essa boca, antes que eu perca a paciência e lhe meta uma bala na cabeça!

Welkins enfureceu-se com aquelas palavras de Matt, mas não disse nada. Em silêncio, agachou-se e, quando ia apanhar o revólver que estava no chão, o rapaz atirou novamente.

— Nada disso! Vou descarregar essa arma. Não confio nem um pouco em você.

Matt avançou uns passos, e apanhou o Colt do outro. Ao observar o tambor, viu que neste ainda havia três balas. Ia dispará-las para o ar, mas pensou melhor e aproximou-se de Lash Lynn, que ainda se movia um pouco.

Apontou a arma para o corpo do ex-pistoleiro e terminou de descarregá-la. Logo depois, fazendo cara de nojo cuspiu sobre o cadáver.

— Miserável! — exclamou e, em seguida, olhando para o céu, murmurou: — Você está vingado, irmão!

Welkins, que se mantinha em silêncio, viu Matt virar-se nesse momento para ele, ordenando:

— Agora trate de cavar a sepultura... Depois então, vá embora.

O capanga de Storm fitou-o com ódio, e não demorou a ouvir Matt acrescentar:

— Se não quiser me obedecer, eu cavarei..., mas a sepultura será para vocês dois.

E Welkins entendeu que ele estava disposto a cumprir aquela ameaça.

* * *

A cova, com quase um metro de profundidade, já havia sido aberta.

Fora Welkins quem terminara fazendo todo o trabalho, e por isso mesmo agora ele se sentia cansado.

Sentado junto ao cadáver, Matt não deixara de observá-lo, durante todo o tempo em que ele estivera cavando. Mas não ficara à-toa. Em um pedaço de madeira que achara, e utilizando-se de um canivete, gravara a seguinte inscrição:

Lash Lynn
1859-1891.
Pistoleiro profissional, morto por Welkins.

— A inscrição já está pronta... Ficou um bocado caprichada, não acha?
Welkins olhou para o que o outro fizera, mas nada falou.
Após deixar o pedaço de. madeira no chão, Matt Forest arrastou pelos pés o cadáver de Lynn.

— Bem... você já pode dar o fora, Welkins. Apanhe seu revólver, mas não pense em me tocaiar... pois só sairia perdendo.

O outro soltou a pá, deu uma olhada para o cadáver e pouco depois montava em seu cavalo. Começou a se afastar lentamente dali até que, de repente, ao olhar para trás, viu que Matt Forest metia o corpo de Lynn na cova e apanhava a pá para enterrá-lo.

Então, esporeou violentamente o cavalo, que começou a galopar com uma velocidade impressionante. Contudo, pouco após ter percorrido os primeiros dois quilômetros, deteve a montaria c procurou um lugar para se esconder.

Matt Forest precisava morrer, e ele estava disposto a emboscá-lo!

* * *

Já era noite fechada e tudo estava em silêncio.

Welkins, que se encontrava de tocaia num certo ponto do vale, sentia-se irritado. Já estava ali há muito tempo à espera de Matt, mas até agora este não aparecia.

De repente, não suportando mais aquela espera, resolveu ir ao encontro do rapaz, pois estava disposto a matá-lo de qualquer maneira.

Ao chegar à clareira onde estava localizada a cabana, notou que tudo continuava no mais profundo silêncio. A humilde vivenda estava às escuras, o que não acontecia com a clareira, que era iluminada pelo luar.

Ao virar-se para um lado, Welkins viu a sepultura, na cabeceira da qual Matt cravara o pedaço de madeira com a inscrição. Em seguida, avançou com cuidado, procurando não fazer barulho.

Olhando por uma janela, teve a impressão de que o único cômodo de que se compunha a cabana parecia deserto, mas querendo se certificar,

sempre empunhando o revólver, empurrou e porta para vasculhá-lo melhor, não encontrando ninguém ali.

Contrariado, saiu, tentando saber onde Matt Forest se escondia. De repente, ao observar o chão, viu as pegadas de seu cavalo.

Estas seguiam para a esquerda, e tudo fazia crer que iam em direção ao rio.

Welkins montou novamente, decidido a seguias, custasse o que custasse.

De fato, as pegadas morriam no rio. Logo depois, tomavam a aparecer na outra margem e seguiam até uma vasta região, de terreno muito pedregoso, onde então desapareciam totalmente.

Vendo que seria inútil continuar procurando Matt, fez o cavalo dar meia volta, enquanto pensava:

Se algum dia eu encontrar aquele sujeito... ele me pagará caro por tudo o que me fez passar...

Logo depois, esporeando o cavalo, tomou o caminho que o levaria de volta a Green River Sua missão já havia terminado.

* * *

— Ele já está enterrado, patrão. Aquele miserável, sei lá por quê, resolveu lhe dar uma sepultura..., mas quem o matou fui eu.

— Quer dizer então que Matt Forest não voltou...

— Não. Resolveu atravessar a fronteira. Foi melhor para ele.

— Bem, se Matt não quis ficar aqui, isso não me interessa. Mas eu percebi que ele é desses sujeitos perigosos, que eu não gostaria de ter como inimigo.

— Pois é melhor ele não aparecer na minha frente, porque se isso acontecer, eu o matarei.

— Acalme-se, rapaz... O importante é que o serviço já foi feito. E eu quero que todos sai bem disso. Lash Lynn era muito conhecido, apear de ter agido muito pouco por estes lados... Só espero que isso sirva de lição ao pessoal do povoado, para que nunca mais contrate gente para se meter comigo... Bem, Welkins, agora vá embora. Eu preciso resolver umas coisas muito importantes.

Welkins balançou afirmativamente a cabeça, e em silêncio abandonou o escritório do patrão.

Pouco depois, Laura entrava ali, perguntando ao pai:

— E aquele presunçoso... não voltou?

Franzindo a testa e olhando fixamente para a jovem, Storm indagou por seu turno:

— Está gostando dele, filha?

Laura pareceu surpresa.

— Eu...? — exclamou. — Claro que não!

— Isso é bom... Lembre-se do que aconteceu aqui por você ter começado a gostar de Lynn.

— Não me lembre isso, pai. Afinal de contas, eu não tive culpa de nada. O senhor também achava Lash Lynn simpático, não achava?

— Bem, bem, vamos deixar esse assunto de lado que é melhor, minha filha. Ah... e quando você estiver pensando em arranjar outro namorado, trate de escolher um em quem eu possa confiar, está bem?

— Aqui não há homens a minha altura, papai... — respondeu a jovem, orgulhosamente. — Ou são empregados seus ou então esses idiotas do povoado que só fazem o que o senhor quer... É uma chatice!

— Ora, minha filha... Você é uma das moças mais ricas do Oeste; não tem por que ficar se aborrecendo com essas coisas — sorriu Storm.

— É... sou realmente uma das moças mais ricas do Oeste, mas... o que eu posso fazer aqui com todo meu dinheiro? O senhor bem que podia me levar para um lugar melhor, papai... Para St. Louis, ou então para Dallas.

— Não posso abandonar isto aqui por enquanto. É só eu virar as costas e tudo começará a correr mal.

— Mas, papai, assim nunca poderemos gozar de nosso dinheiro!

— Ora, filha, não se impaciente assim... Qualquer dia encontrarei alguém capaz de me substituir aqui e então teremos oportunidade de fazer tudo o que você quer — Gordon Storm ficou pensativo por um instante, acrescentando:

— Viajaremos muito... Então, você conhecerá outras pessoas e com toda a certeza encontrará um bom partido para se casar. Agora, vá embora, sim? Preciso dar umas ordens urgentes e também mandar um de meus homens até o jornal levar uma nota que deverá sair amanhã comentando a

morte de Lash Lynn... Quere que todos fiquem sabendo que aquele patife não existe mais.

Pouco depois, a jovem saia de casa, guiando o cabriolé do pai. E, ao chegar ao povoado, o capataz do rancho, aproximou-se dela, dizendo:

— Passeando, Laura?

— Sim... apesar de já estar farta desses passeios. Aqui não há nada para se ver.

— Bem... Há uns lugares muito bonitos perto do rio. Bonitos e românticos... — falou ele.

A jovem sorriu.

Não era a primeira vez que o capataz lhe fazia insinuações daquela espécie.

Embora ele não fosse seu tipo, Laura achava que, de todos os homens do povoado, o capataz de seu pai era o melhorzinho. Por isso mesmo não se aborrecia que ele lhe falasse daquela maneira.

— Quer me levar para conhecer esses lugares? — perguntou ela, sem deixar de sorrir.

— Claro! — disse ele, feliz da vida. — Vou apanhar meu cavalo.

— Não é preciso — retrucou ela. — O cabriolé dá para nós dois. Vamos, suba.

Então, o capataz de Storm viu a primeira oportunidade de dar um primeiro passo para conquistar a jovem.

Conquistar a jovem?

Bem, na verdade, não era ela o que mais lhe interessava, mas sim o dinheiro do pai. Mas para consegui-lo teria de conquistar Laura Storm embora isso não fosse nenhum sacrifício. Apesar de sua arrogância e presunção, ela era uma linda mulher.

CAPITULO SÉTIMO

Uma surpresa

Haviam se passado duas semanas desde que Welkins voltara a Green River.

Tudo permanecia igual no povoado, o que indicava que Gordon Storm continuava fazendo sempre o que tinha vontade.

A única novidade, ainda desconhecida por todos, era a volta de Matt Forest.

O rapaz estava sentado à beira do rio, contemplando a água, quando de repente algo interrompeu a paz e o silêncio que reinavam ali.

Era o galope de dois cavalos. Matt, após aguçar os ouvidos, não demorou a se levantar.

Olhou para seus cavalos. Estava com o de Lynn e o seu. Acariciou-os para tranquilizá-los e depois foi até a estrada.

Então, viu dois cavaleiros aproximando-se dali a galope e resolveu esperá-los.

Os recém-chegados detiveram suas montarias a pouca distância.de Matt.

— Olá, amigo!... Queremos ir para Green River. Estamos no caminho certo?

— Estão.

— Esse povoado fica muito longe daqui?

— Na velocidade que vocês vão, poderão chegar lá em menos de duas horas.

O que até então permanecera calado, olhou fixamente para o rapaz, indagando:

— Você é de lá?

— Não, mas conheço o lugar.

Os dois homens entreolharam-se e logo depois viram os dois cavalos que Matt levava.

— Bem... — principiou um deles. — Estamos procurando um homem. Talvez você o conheça; pelo menos de nome...

Matt esperou que eles dissessem a quem procuravam. E não demorou a ouvir o outro cavaleiro falar:

— Nós estamos atrás de Lash Lynn.

Após balançar ligeiramente a cabeça, Matt Forest retrucou:

— É pena, amigos, mas vocês chegaram tarde.

E virou-se, para dirigir-se aonde estavam os cavalos.

— Por que está dizendo isso? — indagou um dos cavaleiros.

— Porque Lynn morreu. Está enterrado próximo à fronteira do Estado, do outro lado daquela montanha. Eu mesmo o enterrei.

Após se entreolharem novamente, um dos sujeitos perguntou:

— Foi... você quem matou Lynn?

— É como se tivesse sido... Por quê? Não me digam que eram amigos dele.

— Sou Ralph Stewart — apresentou-se o que falara primeiro e que parecia ser o mais velho dos dois. — E este é Bamey Sanders... E eu posso lhe garantir que nem eu nem ele éramos amigos daquele sujeito. Nós queríamos matá-lo...

— Ah, entendo..., Mas como eu já disse, Lynn está morto e enterrado.

Matt caminhara até os cavalos, enquanto os outros dois desmontavam.

Agora foi o tal Sanders que, como se não acreditasse no que Matt dissera, indagou:

— Você diz que Lash Lynn... Por acaso está querendo fazer hora conosco?

— Fazer hora... eu? Pensa que não sei atirar? — sorriu Matt, virando-se lentamente e baixando as mãos, que ficaram perto de seus Colts.

Stewart e Sanders ficaram meio indecisos, sem saber o que dizer, e logo depois ouviam Matt aclamar:

— Vamos, amigo!... Eu lhe fiz uma pergunta. Responda!

Então, Sanders, após uma breve pausa, retrucou:

— Bem, não estou dizendo que você não sabe atirar... Nem poderia dizer isso, pois não o conheço. Mas sei que Lynn era um pistoleiro tarimbado, cheio de manhas.

— Pois suas manhas de nada lhe serviram.

— Lynn foi morto à traição, não?

Olhando impacientemente para os dois sujeitos, Matt Forest indagou:

— Por que vocês estão me fazendo esse interrogatório, posso saber?

Stewart encarou-o por alguns momentos.

— Vou lhe ser franco, amigo... — falou, depois. — A verdade é que eu e Sanders custamos a acreditar que Lynn tenha morrido, sabe? Isso estragou completamente nossos planos...

— Nós tínhamos ouvido falar das façanhas de Lynn — acrescentou Sanders. — Diziam que ele cobrava mais do que ninguém por trabalhos que eu e meu amigo podíamos fazer tão bem ou melhor que ele.

— Compreendo. Lynn lhes fazia concorrência... Bem, pois agora que ele morreu, vocês têm o campo livre para agir.

Os dois sujeitos trocaram um rápido olhar e depois voltaram sua atenção para Matt.

— Foi uma pena você ter passado na nossa frente, amigo. Gostaríamos de arrastar o cadáver de Lynn por aí, para todos saberem que nós havíamos acabado com o mito que se criou em torno dele.

— Acho que isso já não será possível.

— Talvez seja... —murmurou o mais jovem dos recém-chegados. — Precisamos fazer alguma coisa pelo nosso prestígio, está entendendo?

— Se quiserem espalhar por aí que foram vocês que mataram Lynn, espalhem. Eu não os desmentirei...

— Não, não gostamos de ganhar cartaz às custas dos outros... Não é verdade, Sanders?

— Claro.

Matt franziu a testa. Começava a pressentir qual seria o final daquela conversa.

Sanders, então, acrescentou:

— Já que não podemos dizer que matamos Lynn, poderemos pelo menos falar que... liquidamos o sujeito que o matou.

E após dizer isso, sorriu, enquanto roçava a mão direita na coronha do revólver.

Matt ficou tenso e preparou-se para qualquer eventualidade.

— Tanto rodeio para me pedir que os mate, amigos? — sorriu, com ironia.

Enquanto isso, em sua mente, ecoavam as palavras de Lash Lynn:

— É difícil abandonar esta vida. Um bom pistoleiro é sempre procurado: ou pretendem lhe oferecer trabalho, ou querem matá-lo.

— O rapaz é valente — sorriu Stewart. — Bem, mas é melhor resolvermos esta questão o quanto entes... Como você se chama, amigo?

— Matt Forest.

— Bem, Matt, eu sinto muito... Não temos nada contra você, sabe? Mas compreenda... temo? de defender nosso prestígio.

— Se eu fosse um de vocês, pensaria duas vezes antes de cometer qualquer loucura.

Mas a advertência de Matt foi desprezada pelos dois sujeitos, e um deles disse:

— Nada de desarmar. A coisa vai ser para valer; para matar, entendeu?

Matt Forest olhou em silêncio para os dois homens, sentindo que o duelo já era inevitável.

* * *

Stewart e Sanders separaram-se ligeiramente e ficaram em posição de sacar, sem que deixassem de olhar um instante sequer para Matt.

Este percebeu que os dois haviam agido assim apenas para lhe dificultar as coisas no momento de atirar.

Afastando-se dos cavalos, o rapaz procurou um lugar de onde pudesse enfrentar melhor seus adversários. Apesar de saber que se encontrava numa situação perigosíssima, ele não estava com medo.

Os três homens estavam calados, tensos, como se esperassem uma ordem para sacar às armas.

De repente, um deles sacou e os outros dois o imitaram. Então, soaram dois tiros.

Tudo ocorrera com uma velocidade espantosa, e agora Sanders e Stewart estavam estirados no chão, tendo cada um deles um buraco de bala na testa.

Após soprar o cano de seu Colt, que ainda expelia uma fumacinha, Matt aproximou-se dos dois caídos, constatando então que eles estavam mortos.

Logo depois, recarregou a arma, guardando-a e inclinou-se sobre Stewart e Sanders, passando a revistar-lhes os bolsos.

Foi então que alguém que estava às costas, começou a aproximasse dele.

Matt terminou de revistar os mortos, sem que encontrasse nos bolsos nada que lhe interessasse.

— Não farei nenhum epitáfio para eles — murmurou, por fim, enquanto contemplava os cadáveres. — Não quero depois que outros pistoleiros me procurem para me testar. Como esses sujeitos são idiotas... Arriscam a vida só para...

Não terminou de falar, porque nesse momento ouviu um ruído e virou-se. Então, viu Lash Lynn, que olhando-o fixamente, comentou:

— É verdade, Matt... Todos esses sujeitos são uns idiotas! Não queira ser igual a eles.

Após contemplar por alguns momentos aquele homem, que oficialmente estava morto, o rapaz levantou-se.

* * *

Matt parecia pensativo, enquanto jogava umas pedrinhas dentro da água. Estava novamente à beira do rio, após ter enterrado Stewart e Sanders.

Nesse momento, Lynn, que estava sentado a seu lado, virou-se para ele, dizendo:

— Sabe de uma coisa, Matt? Essa foi a primeira vez que eu tive de ficar quieto ao ser provocado?

— Ficou chateado? — indagou Matt. — Se ficou, já não há mais remédio.

— Fiquei chateado, sim, mas não é bem por isso... É que por minha causa você matou esses dois.

O rapaz sorriu.

— Ainda acha que sou um aprendiz, Lynn?

Este balançou negativamente a cabeça.

— Não, Matt... Agora, em matéria de atirar, você já é um verdadeiro mestre.

— Obrigado.

— Não estou querendo elogiá-lo, Matt; estou dizendo apenas a verdade... Por causa disso, eu vi que você era o único que podia me ajudar.

Eu sabia que mais cedo ou mais tarde, Storm me localizaria... E para mim, foi uma sorte encontrar o velho Godwin...

Lynn interrompeu-se um momento e em seguida, acrescentou:

— Foi através de Godwin que eu pude entrar em contato com você, Matt... Eu não podia escrever-lhe. Minhas mãos nunca mais servirão para nada... Diabos! Era melhor que eu tivesse morrido.

Aquelas palavras eram o desabafo de um homem ativo, rápido com o Colt, e que agora estava condenado a viver na dependência dos outros.

— Oficialmente você está morto. O truque que idealizamos quando fui vê-lo, após ter sido avisado pelo velho Godwin deu certo... Embora eu tivesse preferido ter cavado a sepultura primeiro. Enquanto Welkins esteve cavando, pensei que ele fosse descobrir que você estava vivo.

— Ele não suspeitou quando você lhe colocou as balas de festim no revólver?

— Não... Eu procurei representar a farsa, da melhor forma possível, e todos estavam certos de que eu queria matá-lo por você ser o assassino de meu irmão.

— Pensei que você liquidaria Welkins.

— Vontade não me faltou, mas se o tivesse feito, de nada teria servido nossa comédia. Era preciso que alguém dissesse a Storm que você havia morrido. Certamente ele já mandou publicar a notícia de sua morte.

— Após uma curta pausa, o rapaz acrescentou:

— Você precisa de um bom médico e de viver longe daqui. Agora, para todos, você está morto e o deixarão em paz, Lynn. Suas mãos não voltarão a ser como antes, mas também não ficarão como estão agora... Melhorarão bastante. Godwin conhece um bom médico.

Houve um breve silêncio entre os dois até que Lynn indagou:

— Você agora pretende voltar a Green River?

— Claro...

— Matt...

— Sim, eu já sei... Antes, era eu que lhe dizia para não se meter em encrencas, não é mesmo?

— E eu quis seguir seu conselho, mas o destino me levou a. Green. River. Vi o que acontecia por lá. Aquela pessoa precisava de minha ajuda.

No início, eu me neguei e logo depois eles me ofereceram dinheiro...

— Compreendo...

— Não, Matt, não é o que você está pensando; palavra! Não os ajudei por causa do dinheiro. Eu não pensava receber nenhuma recompensa por minha ajuda. Achei que aquele podia ser meu último trabalho e queria fazê-lo de graça. Assim, eu abandonaria minha antiga profissão de modo mais humano, menos interesseiro, entende?

— Karen influiu bastante nessa sua decisão, não?

— Bem, ela é uma moça excelente, mas...

— Você a ama?

— Nunca pensei nisso.

— Pois pelo que vi, acho que ela gosta de você... Mas terá de continuar pensando que você morreu. Uma indiscrição poria a perder tudo o que fizemos.

Houve outro silêncio, até que, de repente, Lash Lynn disse:

— Matt, não volte a Green River.

— Não se preocupe, tudo dará certo.

— £ o que eu sempre dizia quando ia começar a fazer um novo trabalho.

— Lynn... você foi sempre um desmiolado, sabe? Mas ao mesmo tempo era e continua sendo meu melhor amigo...

O outro não disse nada e Matt acrescentou:

— Quando penso no que lhe fizeram, sinto meu sangue ferver de tanta raiva... Teria sido melhor que o tivessem matado. Mas não, preferiram inutilizá-lo... Por causa daquela miserável, filha do maior patife que eu já conheci.

O outro continuava em silêncio, quando Matt, após fitá-lo, comovido, prosseguiu:

— Quer saber de uma coisa, Lynn? Agora, começo a compreender porque você não podia abandonar essa vida... Sempre havia um lugar para resolver alguma coisa. Isso porque você é desses que, quando vêm uma injustiça, se revoltam e procuram saná-la...

— Mas as pessoas esquecem depressa os favores, Matt.

Parecendo pensativo, este retrucou:

— Bem, eu me encarregarei de terminar o que você começou. Com o que me contou de Storm, terei um bom material para começar... Você se orgulhará de seu aluno, Lynn; pode ficar certo disso.

Olhando fixamente para Matt, o outro disse:

— Eu gostaria de poder ajudá-lo.

— Nada disso... Você tem mantimentos suficientes para uma semana e poderá aguardar naquela gruta que descobrimos a uns dez quilômetros daqui. Espero terminar tudo antes desse prazo, mas se alguma coisa falhar, você terá notícias minhas.

E em seguida, Matt estendeu a mão ao amigo, que a prendeu entre as suas, em sinal de despedida e de agradecimento.

CAPITULO OITAVO

A volta de Matt Forest

A poucos quilômetros de onde se encontravam os dois amigos, duas pessoas tinham ouvido os tiros.

Uma delas era Laura Storm, que nesse momento estava junto a uma árvore, observando Cavendish descer de um grande rochedo.

Cavendish tomara-se seu mais assíduo acompanhante, e a jovem não se importava que ele a levasse para passear por aqueles lugares tão afastados do povoado. Laura se deixava cortejar pelo capataz e flertava com ele, que se sentia muito contente com isso.

— Não se vê nada. Talvez tenham atirado muito longe daqui — declarou Cavendish.

— Terá sido algum caçador?

— Não sei... Não consegui perceber se os tiros foram de revólver ou de rifle, mas não se preocupe... Eu estou a seu lado, para protegê-la de tudo — murmurou, cheio de si.

A jovem sorriu.

— E melhor irmos embora, não acha? — perguntou ela depois. — Já está ficando tarde...

— Seu pai não se aborrece por você sair comigo?

— Claro que não, John... Sou maior de idade. Papai não se mete em minha vida. Bem, mas agora vamos.

Subiram no cabriolé e pouco depois partiam em direção a Green River.

O veículo não podia correr muito, mas, se não houvesse nenhum problema, eles chegariam ao rancho à hora de sempre.

Entretanto, uns quilômetros mais à frente, uma das rodas se desprendeu ao perder o pino que a fixava no eixo. Os dois não sofreram nada com aquela pequena avaria, embora tal coisa aborrecesse Cavendish, que coçando a cabeça, murmurou:

— Hummm! Levarei algum tempo para consertar isso.

— Que chateação! E já está começando a anoitecer...

Perto dali Matt Forest avançava a galope e por isso não demorou a chegar até onde estava o cabriolé.

Cavendish pareceu não gostar da chegada do rapaz. Vira-o apenas uma vez, durante as poucas horas que Matt permanecera no povoado, mas o reconheceu.

Laura surpreendeu-se ao vê-lo e, sorrindo, perguntou:

— Esqueceu alguma coisa em Green River? Ou por acaso... pensou melhor e resolveu aceitar a proposta de meu pai?

Matt sorriu.

— Acertou — retrucou, depois. — Vou agora mesmo falar com ele... Ah, mas estou vendo que vocês estão em dificuldades. Querem que eu os ajude em alguma coisa?

— Se puder me levar para casa... — murmurou Laura.

— Ora, mas isso eu posso fazer — disse John Cavendish.

— Você tem de consertar o cabriolé... — retrucou a jovem.

— Bem, eu posso levá-la agora no cavalo e amanhã voltar com as ferramentas...

— Vai deixar o cabriolé abandonado aqui? Oh, não, John! Dê um jeito de consertá-lo agora.

O capataz ficou furioso, mas como estava querendo conquistar a jovem, achou melhor atendê-la.

— Pode me ajudar a montar, Matt? — indagou Laura, sorrindo.

Cavendish enfureceu-se ainda mais com aquilo, e logo depois ouvia o rapaz responder:

— Dê-me a mão.

A jovem o fez e Matt, com um puxão, colocou-a sobre a sela, à sua frente.

Logo depois, Laura, sem deixar de sorrir, despediu-se do capataz.

— Até logo, Cavendish.

Este não respondeu, mas quando os dois jovens já se haviam afastado um pouco, começou a xingá-los baixinho.

Enquanto isso, Matt perguntava a sua acompanhante:

— Quer dizer então que este é Cavendish?...

— Sim. Por quê?

— Ora, por nada...

— Você já o conhecia, não?

— De nome. Welkins me falou dele, quando me contou como, por ordem sua, Cavendish comandou o grupo que castigou Lynn, queimando-lhe as mãos.

— Lynn mereceu o castigo.

— Claro. Principalmente por fazê-la de boba, não?

— Parece que agora você está defendendo Lynn. Antes, não estava louco para matá-lo?

— Ele já morreu. Não lhe disseram?

— Sim.

— Pois não fica bem falar mal dos mortos.

— Mas quem está fazendo isso?

Matt não respondeu.

Quando chegaram à casa de Storm, já havia anoitecido. E o fato de Laura aparecer montada no cavalo de Matt, causou estranheza em alguns homens que se encontravam perto da casa e reavivou o ódio de outros.

Um destes era Welkins, que não havia esquecido as humilhações por que Matt Forest o fizera passar.

* * *

Matt jantou com os Storm, chegando a se surpreender um pouco por gozar dessa atenção, pois notara que não era concedida a qualquer um.

— Bem... Como você já é um empregado de meu pai, poderemos nos tornar bons amigos... — murmurou Laura em certo momento.

A jovem, que trajava um vestido exageradamente decotado, parecia decepcionada ao notar que Matt a olhava sem o menor interesse especial.

O rapaz, que se mostrava bastante reservado, virou-se para ela, retrucando:

— Podemos ser bons amigos, mas sempre procurando manter as devidas distâncias. Assim, não daremos chance a que essa amizade possa se transformar em outra coisa, entende? Poderia não dar certo e eu ainda me lembro do que aconteceu a Lynn...

— Lynn era um traidor, que angariou a minha confiança e a de minha filha, só para poder me arruinar — interveio Storm. — Ele estava sendo pago por um grupo de mal-agradecidos do povoado... — O dono da casa se concentrou um instante e acrescentou:

— Ninguém sabe reconhecer que Green River não seria o que é hoje sem mim... Tenho me sacrificado demais por esse povoado; proporcionei a todos muitas vantagens, para no fim fazerem isso comigo.

O magnata falava com ênfase, como se estivesse diante de uma multidão. Mas não demorou em voltar à realidade, porque Matt o interrompeu, dizendo:

— Por favor, Storm, nada de discursos. Não há necessidade... Ah, e quer saber minha opinião sobre tudo isto? Pois, ouça: eu acho que você nunca fez nada pelo povoado, a não ser pagar bem aos homens que contrata.

O outro ficou sério, mas em seguida deu uma gargalhada, nitidamente forçada.

— É engraçado, Matt... Nem de leve eu toleraria que outra pessoa qualquer me dissesse uma coisa dessas..., mas com você é diferente... Meu espírito vai com o seu, entende?

— Talvez isso aconteça porque eu sou melhor que os outros.

— Você não é nada modesto, hem, rapaz? — sorriu Storm. — Mas na verdade eu aprecio muito essa sua sinceridade. Você sempre diz o que pensa. Tenho certeza de que nos entenderemos muito bem.

— Vamos ver... — retrucou Matt. — Mas agora eu gostaria de saber uma coisa: o que Lynn pretendia fazer para arruiná-lo, como você mesmo disse?

O outro ficou desconcertado.

— Não pode me responder? — insistiu Matt. — Por acaso a pergunta é indiscreta demais?

— Não se trata disso. Bem, é que ele queria... me fazer passar por um pilantra. Pensava falsificar uns documentos meus, para eu ficar visto como um homem que enganou o povo a fim de explorá-lo... Queria também fazer umas trapalhadas para provar que eu me apoderei ilegalmente da maior parte das terras que possuo.

— Entendo — murmurou Matt. — Bem, Storm, já que aceitei trabalhar para você, quero saber quando começo.

— Amanhã mesmo — retrucou o magnata. — Agora, Cavendish lhe dirá onde você irá dormir. Peça-lhe tudo o que quiser...

— Cavendish ainda não voltou, papai. Eu não lhe contei o que aconteceu com o cabriolé?

— Ah, é mesmo!... Bem, quando Cavendish voltar, falarei com ele. Agora, talvez Matt queira dar uma voltinha pelo povoado... Direi â dois rapazes para o acompanharem. Atualmente, quando posso, evito que meus homens andem sozinhos por lá.

— A idéia não é má — respondeu Matt.

Então, Storm dirigiu-se a uma porta que dava para a sala de jantar, a fim de chamar um de seus homens.

Aproveitando essa oportunidade, Laura virou-se para o rapaz, dizendo:

— Pensei que você preferiria ficar conversando...

— Com você?

— Minha companhia é tão ruim assim? — indagou ela, com um sorriso.

— Não, mas agora eu estou querendo dar uma voltinha. Se você estiver com vontade de namorar um pouco, espere Cavendish voltar...

— Você continua sendo um grosseirão!

Matt não retrucou e pouco depois via Storm voltar para junto deles. Então, sorrindo para ele, apressou-se a dizer:

— O jantar estava delicioso. Obrigado pelo convite. Boa-noite.

Essa foi sua despedida e, quando ele já havia saído da sala, Laura exclamou:

— O senhor não devia ter contratado esse sujeito, papai. Ele é muito grosseiro!

— Calma, filha. Eu não o contratei para ele ser amável com você. Matt me interessa muito... Procure não se meter com ele e não haverá nenhum problema.

Furiosa, ela retirou-se da mesa, para trancar-se em seu quarto.

Enquanto isso, próximo à varanda da casa, Welkins dizia a um dos homens de Storm:

— Se liquidarmos esse sujeito, o patrão poderá se aborrecer, mas se só lhe dermos uma boa surra... ele compreenderá.

O homem olhou em silêncio para Matt, que nesse momento se dirigia ao povoado, ao lado de dois de seus novos companheiros.

CAPITULO NONO

Colocando o plano em prática

A notícia da volta de Matt Forest espalhou-se depressa por Green River, e no dia seguinte, todos já sabiam que ele trabalhava para Gordon Storm.

Alex, que estava em casa com sua irmã, comentou o fato com ela e logo depois acrescentou:

— Não se podia esperar outra coisa de um sujeito que ajudou a matar Lash Lynn.

— Mas Matt garantiu que foi ele que matou seu irmão... Na verdade, sabíamos tão pouco respeito de Lash Lynn... — foi a resposta de Karen.

Olhando fixamente para ela, o rapaz falou:

— Pensei que você gostasse de Lynn.

— Eu simpatizava com ele, é verdade..., mas talvez isso tenha acontecido porque Lynn prometera nos ajudar.

— Bem, eu só sei dizer que esse Matt não vai mais à minha missa... — retrucou Alex. — Além de ajudar a matar um homem inválido como Lynn, ele agora trabalha para Storm.

— Mas Matt salvou-lhe a vida, Alex... Você não pode, se esquecer disso.

— É verdade... e ainda não entendi por que ele agiu daquela maneira. Talvez tenha sido para ganhar cartaz. Nunca se pode saber o que os sujeitos como ele planejam.

Karen também não sabia o que pensar. Mas não conseguia ficar contra Matt Forest. Fazia tudo para se convencer de que aquele rapaz não era um simples aventureiro sem escrúpulos, que só visava o dinheiro.

* * *

Quanto a Matt, resolvera tirar o dia para descansar, já que Storm não lhe encomendara nenhum serviço.

À tarde, quando passeava por Green River, viu Karen na porta de sua casa.

Ao vê-lo, a jovem pareceu ficar meio confusa, mas logo depois lhe sorria.

— Olá — cumprimentou o rapar, aproximando-se.

Ele não sabia que naquele exato momento alguns homens o vigiavam. Dentre estes estavam Browley e Welkins, que se encontravam ocultos, próximo à cocheira onde Matt dormira a primeira noite que passara no povoado.

— Eu já sabia que você havia voltado — falou Karen, sem deixar de sorrir.

— Ê... nestes lugares pequenos as notícias se espalham com grande rapidez... Como vão as coisas?

— Como sempre.

Nesse momento, Alex apareceu na porta da casa, perguntando:

— Com quem você está falando, Karen?

A jovem não precisou responder.

— Ah! É com você?...Bem, Karen, entre.

— Hoje estamos muito ocupados, não é mesmo?

— Não quer que sua irmã fale comigo, Alex?

— Bem, é que...

— Diga a verdade.

Após encará-lo por alguns instantes, Alex retrucou:

— Olhe, Matt, você me salvou a vida uma vez e eu nunca me esquecerei disso. Mas agora você está trabalhando para o canalha que quer dominar este povoado pela força...

Alex interrompeu-se, para logo em seguida acrescentar:

— Bem, Matt, faça o que quiser, mas desde já fique sabendo que sua presença não é bem-vinda neste povoado.

— Cada um deve zelar por seus interesses, Alex. Você entende, não é?

O outro balançou afirmativamente a cabeça, retrucando depois:

— Sim, eu entendo.

E em seguida fez a irmã entrar na casa, indo atrás dela.

Foi então que Browley, postando-se na porta da cocheira, gritou:

— Ei, Matt! Você continua sendo amigo desse idiota? Se for assim, cuidado... O patrão não gostará nada de saber disso.

Matt franziu a testa e, segurando o cavalo pelas rédeas, foi até onde estava o homem.

— Quem escolhe meus amigos sou eu, mais ninguém. Apesar de trabalhar para Storm, não tenho obrigação de ser amigo de vocês, por exemplo.

Matt observou então que ao lado de Browley, além de Welkins, estavam mais dois homens.

E pressentiu o que eles tramavam. Contudo, sem se intimidar, aproximou-se ainda mais do grupo e amarrou o cavalo à barra da cocheira.

— O que vocês estão querendo, afinal? — perguntou, logo depois.

Como resposta, cada um deles desafivelou o cinturão. Em seguida, Welkins arregaçou as mangas da camisa, sendo imitado pelos companheiros.

— Estão aqui a fim de me dar uma surra, não é, rapazes?... Muito bem, mas será que você já esqueceu o que aconteceu durante nossa viagem, Welkins? E você, Browley? Ainda deve ter a marca da coronhada que lhe dei, não?

Ninguém respondeu.

Matt olhou para os outros e comentou com ironia:

— Ê... vejo que aqui ninguém perde tempo... Mas vocês não precisam arregaçar as mangas de suas camisas, rapazes. Isso durará pouco.

E, sem perder tempo, partiu para o ataque, com uma agilidade e uma rapidez espantosas.

O primeiro a sofrer as consequências foi Browley, que era quem se encontrava mais perto dele.

Deu-lhe um murro no queixo, jogando-o a uns três metros de distância.

Em seguida, chutou um. segundo adversário, chamado Grover. E enquanto este gemia, de dor.

Welkins recebia um violento murro no estômago e caía sobre o quarto inimigo, desnorteando-o.

Refazendo-se depressa, Browley partiu para o contra-ataque e, correndo como um louco, tentou atingir Matt com uma cabeçada.

Mas o rapaz afastou-se e esquivou-se do golpe, para dedicar-se novamente a Grover, derrubando-o com uma rasteira.

Por causa de Matt ter-se afastado, Browley passou por ele como uma bala, terminando por dar a cabeçada no quarto adversário, e ambos

estatelaram-se no solo.

Quem estava diante de Matt, doido para ir à forra, era Welkins, que conseguiu atingir o rapaz com um potente murro.

Matt cambaleou um pouco e Welkins quis aproveitar aquela oportunidade para pô-lo fora de combate.

Mas o rapaz sabia que se descuidasse um pouco, estaria perdido. Por isso, esforçou-se para manter-se firme.

Atrás dele, Grover apanhara um pedaço de pau e estava prestes a arriá-lo em sua cabeça.

Mas Matt afastou-se para um lado, a fim de esquivar-se de Welkins, que terminou recebendo a paulada & caiu desmaiado.

Então, Matt virou-se para Grover e deu-lhe um violento murro no estômago.

O sujeito gemeu, soltou o pedaço de pau e logo depois desmaiava ao receber um direto no queixo.

Com Grover e Welkins fora de combate, só restavam dois inimigos e, sendo assim, a luta estava mais equilibrada.

Matt agachou-se para esquivar-se de um novo ataque de Browley, e ao mesmo tempo apanhou d pedaço de pau que Grover soltara.

Browley tentou atacar novamente, após ter falhado na vez anterior, mas uma paulada no meio da testa, o derrubou no chão, desmaiado.

Utilizando o pedaço de pau como lança, Matt empurrou-o contra o estômago de seu quarto adversário, que, após dar um gemido, tratou de fugir dali correndo.

A luta havia terminado. Para os que pensavam dar as “boas-vindas”, ela fora rápida, mas muito significativa.

Para Matt, em troca, fora apenas uma espécie de treinamento. Isso porque ele estava disposto a pôr em prática o plano que já traçara.

Sua primeira ofensiva, seria contra o xerife e seus dois ajudantes.

Os três eram lacaios de Storm e nenhum deles sabia o significado exato da palavra lei.

* * *

À noite, quando o saloon de Jarvis estava repleto de fregueses, Matt, aproximando-se de um dos ajudantes do xerife, disse:

— Você se chama Samuel, não é mesmo?

— Sim. Por quê?

— Não diga nada. Sem que ninguém perceba, saia daqui e vá até a encruzilhada existente próximo ao rancho de Storm. O chefe quer falar com você. É um assunto secreto.

O sujeito franziu a testa.

— O que está acontecendo? — perguntou, em seguida.

— Disfarce, rapaz... Já lhe pedi para não chamar a atenção.

Em matéria de disfarçar, Samuel mostrou que não era nada bom. Mas como todos estavam atentos às garotas que atuavam no palco, ninguém deu muita importância à sua saída do saloon.

O outro ajudante estava na delegacia quando Matt, empurrando um pouco a porta da mesma, exclamou:

— Ei!

— O que foi? — espantou-se o ajudante.

— Saia pela porta dos fundos, Burt. O chefe está à sua espera na encruzilhada, próxima ao rancho. Ele quer lhe falar.

— Chefe?... Que chefe?

— Você deve saber qual é. Aqui eu acho que todos nós trabalhamos para o mesmo. Ah! E não comente nada com ninguém. É um assunto secreto... Vá agora mesmo até a encruzilhada.

Bem, tratando-se do chefe, apesar da ordem ser muito estranha, Burt resolveu atendê-la.

E ao chegar ao local que lhe haviam indicado, estranhou um pouco encontrar seu companheiro e o xerife ali.

Este fora levado pelo próprio Matt Forest, que ao ver todos reunidos, sorriu, falando:

— Bem... Agora ouçam o que vou lhes dizer.

Era muito difícil que alguém pudesse vê-los naquela encruzilhada. Isso, porque os caminhos que a formavam, praticamente não eram utilizados pelos que entravam e saíam do rancho, que preferiam outro mais curto.

— Mas... quem quis que nos reuníssemos aqui? — indagou o xerife.

Sorrindo, Matt respondeu:

— Eu, claro.

— Você! — perguntou Samuel, surpreso.

— Sim.

— Você me disse que tinha sido o chefe... — protestou Burt.

Olhando fixamente para o rapaz, o xerife inquiriu:

— Mas... que brincadeira é essa?

— Não se trata de nenhuma brincadeira. Quem quis reuni-los aqui fui eu. Vou fazer uma boa limpeza neste povoado e resolvi começar por vocês.

— Então, isto é uma cilada! Miserável! Este aí é igual ao Lynn!

O xerife cometeu o erro de tentar sacar a arma e se deu mal, porque Matt adiantou-se a ele o atirou primeiro.

Com o peito sangrando, o xerife cambaleou um pouco e depois caiu no solo.

Então, tanto Samuel quanto Burt viram que seria uma loucura tentar qualquer coisa contra Matt. E, após olharem rapidamente para o xerife morto, ouviram o rapaz falar:

— Não posso acusá-los de nada, porque não sei ao certo o que vocês têm feito por aqui... Por isso, vou me limitar a expulsá-los do povoado.

Os dois ajudantes empalideceram, e logo depois ouviram Matt acrescentar:

— Mas fiquem certos de uma coisa: se eu os vir novamente por aqui, terão o mesmo fim do xerife... Entendido?

Os dois que já se consideravam como ex-ajudantes, balançaram afirmativamente a cabeça.

— Agora, tratem de desaparecer daqui! Vamos!

Aquele estava sendo o primeiro passo de Matt para livrar o povoado daquele bando de pilantras que queria dominá-lo.

CAPITULO DÉCIMO

Matt continua a agir

— Isto é muito estranho — comentava Storm, reunido com alguns de seus homens. — Não há a menor pista daqueles três, mas suas coisas estão na delegacia...

Referia-se, naturalmente, ao xerife e a seus dois ajudantes.

— Vocês têm certeza de que ninguém os viu ir embora? — insistiu Storm.

Todos balançaram afirmativamente a cabeça.

— Diabos! Eles não iriam embora daqui sem dizer nada... Deve ter acontecido alguma coisa.

Mas Storm não sabia que a partir daquele momento teria de enfrentar muitos problemas. Isso porque Matt se propusera a não descansar, antes de ter feito tudo o que planejara.

Sua próxima vítima já estava escolhida, seria Cavendish.

Este voltara a sair com a filha de Gordon Storm, atendendo a um pedido dela.

Laura não queria ficar sozinha e, à falta de uma companhia melhor, voltara a pensar no capataz de seu pai.

O casal namorava num lugar solitário à beira do rio.

Mas do que um simples namoro, aquilo era uma tentativa por parte de Cavendish para aproveitar-se das circunstâncias, diante do risinho provocante de Laura.

— Oh, John!... Controle-se, por favor!...

— Não brinque comigo, Laura... Você me deixa louco, louco...

Cavendish tentava tudo para, pelo menos, poder beijar a garota.

De repente, e justamente quando o homem estava mais entusiasmado, os dois ouviram o barulho de uma pedra cair dentro da água.

— Ei! — Cavendish levantou-se depressa e tateou a relva com as mãos, procurando o cinturão que tirara para ficar mais à vontade.

Mas, ao virar-se, não viu ninguém, o mesmo acontecendo com Laura, que se levantou também, assustada.

O barulho foi de uma pedra... Deve ter caído sozinha... — murmurou Cavendish, embora não estivesse muito certo disso.

Aproximou-se mais da beira do rio, para ver se havia alguém por ali, mas não viu ninguém, nem nada suspeito.

Não lhe foi muito fácil recuperar o entusiasmo depois daquela brusca interrupção. Mas o sorriso da jovem e sua atitude conseguiram, por fim reanimá-lo.

A cena que se seguiu foi parecida com a anterior, incluindo seu final brusco.

Chap! Fez outra pedra, e agora parecia de tamanho maior.

— Alguém anda por aqui! — exclamou Cavendish. — Diabos!

Em seguida, empunhou o revólver e aproximou-se de umas rochas existentes à sua esquerda.

Laura ficou em silêncio e com medo, ao ver que o capataz pretendia meter-se por entre aquele aglomerado de rochas, desaparecendo assim de sua vista.

— Não me deixe sozinha! — gritou ela.

— Cale-se, Laura! Preciso ver se há ou não alguém por aqui...

E Cavendish continuou avançando, até que de repente recebeu uma coronhada na cabeça e sentiu suas pernas fraquejar.

Então, uns braços saídos por trás de umas rochas o seguraram, para evitar que o corpo fizesse barulho ao cair no chão.

— John! — gritou Laura.

E como ele não respondesse, a jovem tornou a chamá-lo, agora muito mais alto. Mas também não obteve nenhuma resposta.

O único que podia lhe responder era Matt Forest, mas, naturalmente, ele não queria delatar sua presença.

* * *

John Cavendish voltou a si muito longe do lugar onde fora obrigado a deixar a filha do patrão.

Ao abrir os olhos viu que estava num bosque totalmente desconhecido para ele.

Encontrava-se junto ao tronco de uma árvore e tratou de se erguer, enquanto, instintivamente, procurava o revólver e o cinturão. Contudo, não demorou a ver que já não estava mais com eles.

Nesse momento, saindo de trás de uma árvore, Matt falou às suas costas:

— Não adianta procurar o revólver, Cavendish. Eu o apanhei... Ele pesava muito para você.

O capataz de Storm virou-se, e então viu o rapaz, que lhe sorria mordazmente.

— Só podia ser você... O que está querendo? Olhe, quando o chefe souber disso...

— Ele não saberá nada, porque você não terá chance de falar com ele.

— Vai... me matar?

— Só se você me obrigar... Por enquanto só vou castigá-lo, como vocês fizeram com Lynn... Separe as mãos.

— O quê?

— Vou aleijá-las.

— Não! Você não pode fazer uma coisa dessas... Você, amigo de Lynn! Mas se dizia que... Não, não! Não faça isso comigo, estou desarmado.

Mas não dizia isso em tom de desespero. Tentava ganhar tempo para ver quais eram as suas possibilidades, porém Matt não parecia disposto a atendê-lo.

— Você não teve contemplação com Lynn, não é mesmo? Pois eu também não terei agora...

— Tudo aquilo foi coisa de Laura. Foi ela quem deu a ordem.

— E você sempre deixa as mulheres o dominarem?

— Bem, eu...

— Chega. Você não tem defesa. Mas eu vou lhe dar uma chance. Este é seu revólver, não?

E, ao dizer isso, Matt tirou do bolso traseiro de sua calça a arma que arrebatara do prisioneiro, atirando-a a seus pés.

— Apanhe-o!

— Você está com vantagem...

Matt sacou e jogou sua arma no chão.

— Agora, estamos nas mesmas condições. Vamos! Não posso perder a manhã inteira aqui.

A segurança de Matt impressionava Cavendish. E, este percebeu que só se conseguisse alcançar a arma teria chance de livrar-se dele.

— Jogarei uma pedra para o ar — disse Matt. — Quando ela cair no chão, cada um tratará de apanhar seu revólver. Veremos quem consegue atirar primeiro.

Inclinou-se e apanhou uma pedra do chão.

— Prepare-se — falou, em seguida.

Atirou a pedra para o ar.

Então, os dois se entreolharam fixamente, esperando que ela caísse no chão.

Logo que isso aconteceu, Cavendish precipitou-se sobre o revólver. Chegou a alcançá-lo, mas já haviam soado dois tiros.

Estes perfuraram-lhe a mão direita e o capataz gemeu de dor.

Furioso, ele quis apanhar a arma com a esquerda, mas não pôde, porque Matt também a baleou, como fizera com a outra.

John Cavendish levantou-se com as mãos sangrando e, olhando para Matt, exclamou:

— Mate-me!... Mate-me de uma vez!

— Já ouvi dizer que o fogo é pior... Você ainda teve sorte. Mas agora trate de sumir de Green River. Se eu o vir novamente por lá, o matarei.

* * *

— Foi ele... Tenho certeza! Isso é coisa daquele farsante que o senhor contratou.

Laura estava fora de si, não só por ter sido obrigada a voltar sozinha, como também pelo susto que levara com o desaparecimento de Cavendish.

Agora, diante do pai, ela acusava Matt Forest, apesar de não ter a menor prova do que afirmava. Talvez fizesse isso, mais pelo desejo de culpar alguém, e não poderia haver uma vítima melhor do que o homem que a humilhara por mais de uma vez.

— Tem certeza? Você o viu?

— Mas está na cara, papai... Ele chegou há pouco e logo começaram os desaparecimentos. Por acaso o xerife ou algum de seus ajudantes voltou?

— Não se preocupe. Mandarei vigiá-lo. Eu sou o mais interessado em saber o que está acontecendo.

E Storm saiu para dar ordens a seus homens. Era de noite e ninguém vira Matt, mas todos imaginavam que ele estivesse no saloon.

Mas se enganavam, porque o rapaz já saíra dali, embora estivesse por perto. Com uma desculpa, ele conseguira reunir quatro dos homens de Storm, levando-os até a cocheira situada na saída do povoado, onde brigara na véspera.

Agora tinha os quatro sob a mira do revólver.

— Ninguém mais saberá do xerife, de seus ajudantes, nem de Cavendish... Agora, chegou a vez de vocês. Se quiserem ir embora por bem, esquecerei quem são, mas se quiserem resistir, vão morrer.

— Não se preocupem — interrompeu Matt. — Estou guardando Storm para o final.

— Bem... Devido à nossa situação, não temos escolha — comentou o que falava pelos quatro. — Vamos embora, rapazes.

— Mas não se virem, se quiserem continuar vivos.

Os quatro homens deram meia-volta e montaram em seus cavalos, que estavam por perto.

Matt manteve-os sob mira, até vê-los esporear os animais e se afastarem.

Então, virou-se, com a impressão de que alguém o estivera vigiando. Olhou para a casa dos irmãos Alex e Karen a mais próxima, mas ela estava às escuras.

De repente, os quatro sujeitos que ele expulsara, apareceram na rua, atirando.

Então, Matt, sem hesitar, entrou em ação. Jogou-se imediatamente ao chão e começou a disparar com uma velocidade espantosa.

Gastou os seis cartuchos, cujos estampidos se confundiram com os de seus inimigos.

Quando o tiroteio terminou, os quatro cavaleiros estavam mortos. Um pendia de seu cavalo, outro continuava apoiado nele, enquanto os dois restantes estavam estirados no solo.

Mas os tiros haviam chamado a atenção de muita gente e vários curiosos, dentro os quais vários homens de Storm, correram para lá.

Sem perder tempo, Matt, que fora a pé até a cocheira, deu uma volta para perder-se entre as sombras. Tinha de passar junto à casa dos dois irmãos, e ali estava Karen, que lhe sussurrou:

— Aqui, Matt! Entre...

Ele não vacilou em aceitar o convite.

Quando já estava dentro da casa, ele e a jovem entreolharam-se em silêncio. Karen acabava de compreender tudo.

— E seu irmão? — quis saber Matt.

— Está no saloon. Ele se alegrará muito de saber...

— Ninguém pode saber disso, Karen, entendeu? Quanto menos conhecerem de meu plano, melhor.

— Entendo — murmurou ela. — Não precisa se preocupar. Eu não direi nada a ninguém, nem mesmo a meu irmão.

Os curiosos já haviam chegado até onde estavam os dois cadáveres. Os cavalos que carregavam os outros dois não haviam se afastado muito.

Todos pareciam assombrados com o que viam.

— Quem fez isso? — indagou um.

— É incrível... Precisamos avisar Storm!

— Daremos uma batida. Vamos, pessoal!

Pouco a pouco, todos se dispersaram; uns para dar uma batida, tentando encontrar o responsável por aquelas mortes, outros, para avisar Storm.

— Preciso ir — sussurrou Matt que, juntamente com Karen, estava atrás de uma das janelas da casa.

— Tenha cuidado— recomendou a jovem.

— Está bem, Karen — respondeu ele, e em seguida inclinou-se para lhe dar um rápido beijo.

* * *

Os que tinham ido ao povoado para vigiar Matt perguntavam por ele a outros companheiros que já estavam ali há horas.

— Vocês viram Matt Forest?

— A última vez que eu o vi ele estava no saloon — respondeu alguém.

— Pois vamos até lá, embora eu duvide muito que o encontremos. Para mim, ele já foi embora do povoado, e se isso realmente aconteceu, quer dizer que ele é o responsável pelo que está ocorrendo.

Ao todo eram uns dez homens que entraram no saloon, parecendo dispostos a tudo. Sentiam-se fortes, porque em Green River quem mandava

era Storm e eles o representavam.

Entretanto, ainda restavam mais alguns. Os quatro que haviam ficado na casa do chefe e outros seis que tinham saído para dar a batida.

— Ele não está aqui! — exclamou um deles.

— Vamos dizer isso ao patrão.

Então, ouviu-se a voz de Matt:

— O que está acontecendo? Por que deram esses tiros?

— Desde quando você está aqui — indagou um dos pistoleiros, de cara amarrada.

— Desde quando?... Ora, eu não sai daqui... — assegurou o rapaz.

Só ele sabia o quanto tivera de correr para chegar a tempo e poder entrar no saloon por uma janela nos fundos. Mas, com uma enorme demonstração de autodomínio, ele conseguira não deixar transparecer que estava cansado por ter dado aquela corrida.

Aqueles homens não pareciam acreditar muito em Matt, mas não tinham nenhuma prova contra ele. Além disso, o rapaz tinha um trunfo importante a seu favor.

— Meu cavalo não saiu daqui... Por que estão desconfiando de mim?

Não obteve resposta.

CAPITULO DÉCIMO-PRIMEIRO

À ação!

Os vinte homens com que contava Storm, depois dos desaparecimentos, não tinham o menor sono, após os últimos acontecimentos. Afora isso, o chefe lhes dera ordem de reforçarem a vigilância.

Matt não fora encarregado de nenhum serviço, o que por si só já significava uma prova de desconfiança, embora ninguém tivesse conseguido acusá-lo de nada.

Ele agora estava sozinho no galpão destinado aos homens, deitado em sua cama, e parecia pensativo.

De vez em quando, alguém passava e olhava pela janela, para verificar se a cama de Matt se achava ocupada.

Todos os homens estavam muito atentos ao trabalho de que Storm os encarregara. Talvez por isso ninguém viu como um dos vigilantes, ao tentar averiguar se Matt continuava deitado, recebia um murro no queixo e era puxado para dentro do galpão por uma janela.

Ninguém viu também como Matt o amordaçava depressa e em seguida, com um pedaço de corda que encontrara por ali, o amarrara à sua própria cama e o cobria com o cobertor.

Quando, pouco depois, um novo vigilante olhou pela janela, conformou-se ao ver a cama ocupada.

Matt, então, saiu pela janela e, sorrateiramente, dirigiu-se a um pequeno barracão próximo, onde se guardavam as ferramentas de trabalho. Quando já se encontrava nos fundos do barracão, ouviu alguém gritar:

— Já não vejo Chet há um bocado de tempo.

Chet, naturalmente, era o vigilante que estava amarrado e amordaçado na cama de Matt.

Alguém, olhando por uma das janelas do galpão, disse:

— Matt continua na cama. — E para ter certeza do que dizia, o empurrou suavemente com o rifle. — Sim, ele está aqui. Não usou o truque

de deixar uns travesseiros em seu lugar.

Chet não podia gritar, mas resmungou algo ininteligível, que o outro entendeu como sendo uma reclamação por ele ter-lhe empurrado com a arma.

Este foi um dos momentos mais perigosos para o plano idealizado por Matt, que ao ver que não tinham descoberto sua fuga, entrou na casa por uma janela.

* * *

Browley dizia nesse momento:

— Estão acontecendo coisas muito estranhas... Primeiro, o xerife desapareceu com seus ajudantes; pois foi Cavendish, e esta noite os outros quatro são mortos... E agora Chet... Se não é o forasteiro, quem é o causador de tudo isto?

Todos estavam apreensivos com aqueles desaparecimentos e começava a reinar a desconfiança entre eles.

— Não estou gostando nada disso — opinou outro.

Enquanto isso, Matt avançava, já dentro da casa, cujo primeiro andar estava quase às escuras. Com cuidado, ele dirigiu-se ao escritório de Storm. Sabia onde o chefe guardava os livros, porque Lynn lhe dissera. Tateando, chegou à porta do cômodo que procurava.

Abriu cautelosamente e foi até a mesa. Tudo estava em silêncio até que, de repente, às suas costas, alguém engatilhou um revólver. Então, ouviu-se a voz de Storm dizer:

— Eu estava à sua espera, Matt... Levante as mãos e nada de truques.

O rapaz obedeceu, enquanto dono da casa aumentava a mecha de um lampião para iluminar melhor o cômodo.

Empunhava firmemente um Colt, que mantinha apontado para o rapaz.

— Eu não tinha muita certeza de que fosse você..., mas sabia que, de qualquer modo, o sujeito que estivesse tentando me passar a perna, mais cedo ou mais tarde, acabaria vindo a meu escritório... Você é como Lynn. Quer os livros, não é mesmo?

Matt não respondeu e o chefe acrescentou:

— Você bem sabe o que aconteceu a Lynn, e nem assim se intimidou? É ter muita coragem mesmo..., mas agora me diga uma coisa: quem o

enviou até aqui?

— Alguém que está morto, Storm — replicou Matt, calmamente.

— Um morto?

— Sim, foi Lynn.

— Ora, deixe de brincadeiras, que agora não é hora para isso.

— Não estou brincando, Storm — falou Matt, afastando-se um pouco da janela do cômodo.

— Quieto! — preveniu o chefe.

Então, os olhos do dono da casa se arregalaram de uma forma impressionante. Ele pensou ter visto um rosto aparecer do outro lado da janela. Aproximou-se um pouco mais dela.

— O que é isso?...

Ao falar, sua voz soou trêmula, porque o rosto que estava à sua frente era o de Lynn. Storm ficou pasmado, sem saber o que fazer.

Matt também olhava agora para a janela, mas não se assombrou ao ver o rosto de seu amigo e se dispôs a passar ao ataque.

Aproveitando-se daquela ligeira vacilação de Storm, deu-lhe uma cutelada na mão, desarmando-o. Em seguida, sacou o Colt e, com uma coronhada, jogou o magnata no chão, desmaiado.

Sem perder tempo, Matt abriu a janela, indagando:

— Lynn! O que você está fazendo aqui? Entre.

O morto entrou depressa pela janela.

— Eu não podia deixá-lo sozinho, Matt. Quis vir ajudá-lo...

— Vamos, vamos... Se ficar passeando por aí, estragará tudo. Esconda-se.

— Mas...

— Está bem — interrompeu-o Matt. — Se quer me ajudar, vá para um lugar de onde possa vigiar bem o pátio da casa. Se vir alguém se aproximando ou acontecer alguma coisa de anormal, jogue no chão qualquer coisa para me avisar. Entendido?

— Sim. Vou para o quarto de Storm. Sei onde ele fica. Da janela vê-se tudo muito bem e, além do mais no parapeito, há uns vasos com plantas. Se eu jogar um no chão, será o sinal.

— Vamos... Não podemos perder tempo.

— Espere! Talvez Storm tenha mudado as coisas de lugar. Procure as chaves do cofre em seu bolso. Ele está encravado na parede, coberto por

este quadro — e apontou para uma grande tela pintada a óleo.

Pouco depois, Lynn subia ao segundo andar da casa, para entrar no quarto de Storm.

* * *

Agindo depressa e com muita habilidade, Matt encontrou por fim o que procurava. Livros, recibos e tudo mais que podia comprometer Storm sobre negócios ilegais que fizera.

Foi então que Laura, que não conseguira dormir, saiu de seu quarto para ir ao de seu pai.

Bateu suavemente na porta. Em seguida, sem espera que o pai lhe respondesse, a jovem entrou no cômodo.

Ao ver a cama vazia, olhou para a janela e viu um vulto.

— Papai — falou, indo até ali.

A escuridão só lhe permitiu ver o rosto do homem quando estava a menos de dois metros dele.

Então, seus olhos se arregalaram, e logo depois ela começou a correr como uma louca.

Lynn a seguiu, o que aumentou ainda mais o pânico da jovem, que gritava:

— Papai! Papai! — enquanto se dirigia à escada.

Nervosa, tropeçou e, como estava no alto da mesma, rolou por ela, gritando.

Nesse momento, Storm, que começava a voltar a si, ouviu os gritos da filha.

Mas Matt, apanhou o revólver que deixara sobre a mesa para ter as mãos livres, e o rendeu.

O ruído feito pela jovem ao cair pela escada, contribuiu para a recuperação mais rápida do chefe, que se ergueu. Em seguida, olhou rapidamente para Matt e logo depois gritou:

— Laura!

Não dando importância à ameaça de Matt, Storm correu ao pé da escada e então viu sua filha estirada no chão, imóvel.

Matt saiu atrás dele, querendo também saber o que acontecia, embora já o imaginasse.

Storm estava junto ao corpo da jovem, que continuava imóvel e tinha a testa ensanguentada. Certamente, ao cair, batera com a cabeça na quina de algum degrau.

— Laura... Laura! — gritou Storm, desesperado, mas sua filha já não podia lhe responder porque estava morta.

— É na casa! — gritou um dos homens que estavam do lado de fora.

— Patrão! — gritou outro.

Mas Storm não ouvia nada, estava arrasado. E de repente, como um autômato, pôs o corpo de sua filha nos braços e caminhou até a porta.

— Laura! — soluçava, enquanto continuava caminhando lentamente.

Os homens estavam próximos à entrada da casa e prosseguiam chamando o chefe.

— Cuidado, Matt! — gritou Lynn, lá de cima. Matt aproximou-se de uma janela e atirou através do vidro.

— Cuidado! — gritou alguém do lado de fora. Os tiros de Matt tiveram como resposta uma violenta rajada de balas.

— Não atirem. Podem ferir o patrão — gritou outra voz.

— Ele não responde! — exclamou outro. Nesse momento, Storm já estava diante da porta que, tateando, conseguiu abrir sem soltar o corpo da filha. Nem ele mesmo sabia ao certo para onde ia.

— Laura!... — Não se cansava de soluçar.

— Não atirem! — gritou um dos pistoleiros, ao ver Storm aparecer à porta. — E o patrão.

— Olhem! Há alguém lá dentro — observou o outro.

Matt atirava sem parar contra os que tentavam liquidá-lo. Pareceu-lhe que uma de suas balas alcançara Welkins, enquanto que outros dois caíam também.

Logo depois, ninguém mais voltou a atirar. Alguns seguiam Storm, que continuava com a filha nos braços.

— Mas... o que houve? — perguntou alguém.

— Ela morreu... Já não me importa mais nada.... — falou, por fim, o chefe.

Matt correra ao segundo andar da casa e agora estava com seu amigo, junto à janela do quarto de Storm.

— Suma daqui Lynn. Eu entregarei estes livros a Alex e a Karen. Os dois, juntamente com os outros habitantes do povoado, saberão o que fazer

com ele. Nossa missão está terminada.

— Vamos tentar sair pela porta dos fundos...

Alguns homens de Storm decidiram entrar na casa. E o fizeram justamente quando Matt descia a escada que dava para o salão.

Não puderam distinguir quem era o vulto que o seguia, porém não hesitaram em atirar.

Entretanto, Matt, como sempre, mostrou-se muito mais rápido, e cada tiro seu tinha endereço certo.

Os que não haviam sido alvejados pelo rapaz retrocederam, e um deles exclamou:

— O patrão já não quer saber mais de nada. Não há razão para continuarmos aqui.

Na casa ficaram seis cadáveres estirados no salão, enquanto que do lado de fora estavam mais outros três.

Matt recarregara a arma e voltava a atirar, fazendo com que os sobreviventes decidissem fugir dali depressa.

O único que ficou, porque continuava amarrado, era o vigilante que ocupava a cama de Matt.

A conselho de seu amigo e para continuar no anonimato, Lynn foi embora, após ter marcado com Matt um encontro para mais tarde.

Quanto a este, dirigiu-se ao galpão para apanhar suas coisas e ir embora, E, uma vez ali, libertou o vigilante, que fugiu do rancho, correndo, sem dizer uma só palavra.

CAPITULO EPÍLOGO

— Adeus, Alex. Com esses documentos, vocês poderão fazer o que acharem melhor... Eu já não tenho nada a fazer aqui, pois não acredito que Storm volte a perturbá-los mais.

— Você... não vai cobrar nada pelo que fez? — inquiriu o rapaz.

— Claro que não.

Alex olhou fixamente para o outro, dizendo:

— Você é a pessoa mais estranha que eu já conheci, Matt...

Pouco depois, este se despedia de Karen, do lado de fora da casa.

— Você vai embora?

— Sim. Preciso ajudar um amigo..., mas talvez ou volte algum dia.

— Obrigada por tudo.

— Não me agradeça, Karen... Ah, e agora me responda uma coisa: você... amava Lynn?

— Não, Matt.

— Verdade?

— Verdade.

O rapaz sorriu e em seguida, sem que a jovem esperasse, beijou-a demoradamente na boca.

— Matt! — disse Karen num sussurro, quando ele a soltou.

— Você vai guardar outro segredo que eu vou lhe contar... Lash Lynn continua vivo e é meu amigo. Mas você pão deve dizer isso a ninguém, entendeu?

— Matt!

— Nem mesmo a Alex... Eu... eu lhe prometo que voltarei.

Karen estava perplexa e ao mesmo tempo emocionada.

— Ah! A propósito... — concluiu ele, depois de montar. — Não tenho irmão nenhum, nem nunca tive... Eu inventei aquela história..., mas ela também faz parte do segredo. Eu lhe contarei tudo mais detalhadamente... quando voltar.

— Por favor, Matt, venha assim que puder... Eu vou sentir muitas saudades...

Ele sorriu, e pouco depois esporeava o cavalo, partindo a galope.

* * *

Storm nem mesmo tentou se defender das várias acusações que lhe foram feitas oficialmente pelas muitas coisas desonestas que praticara.

A perda de sua filha o transformara completamente, e alguém, em mais de uma ocasião, o ouvira dizer:

— Foi Lynn que a matou... Foi sua vingança... Sim, a vingança de um morto.

Mas ninguém lhe fizera caso. Todos pensavam que Gordon. Storm enlouquecera.

FIM

A seguir:
JENNY “MATA-HOMENS” Não perca!

NOVELAS INÉDITAS

EM TODAS AS BANCAS

FBI

HISTÓRIAS POLICIAIS DE SUSPENSE COM OS FAMOSOS AGENTES FEDERAIS NORTE-AMERICANOS.

HQ EPOPEIAS DE GUERRA

QUE AINDA NÃO FORAM CONTADAS.

ZZ7

AVENTURAS DE BRIGITTE MONTFORT, A ESPIÃ MAIS LINDA DO MUNDO.

ZZ7

RELANÇAMENTOS DAS AVENTURAS DE BRIGITTE MONTFORT.

77Z

AS AVENTURAS DE KIRKPATRIK, O IRRESISTÍVEL AGENTE DA CIA.

EDITORA MONTERREY LTDA.

***

Preço Deste Exemplar: